

ISBN: 978-65-00-55099-3



SILAS

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**ANAIS DO 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

CRISES, NÓS, FRONTEIRAS

19 A 21 DE OUTUBRO DE 2022

ISBN: 978-65-00-55099-3

**ANAIS DO 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

CRISES, NÓS, FRONTEIRAS

19 A 21 DE OUTUBRO DE 2022



SILAS

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

© 2022 Os autores.

Todos os direitos reservados pela Editora PUC Minas. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da Editora.



PUC Minas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

Pró-reitor de Pesquisa e de Pós-graduação: Sérgio de Moraes Hanriot

CESPUC - MG
CENTRO DE ESTUDOS
LUSO-AFRO BRASILEIROS
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE MINAS GERAIS

CESPUC: Centro de Estudos Luso-Afro Brasileiros

Coordenadora: Raquel Beatriz Junqueira Guimaraes

Projeto gráfico e diagramação: Jefferson Ubiratan de A. Medeiros

Capa: Jefferson Ubiratan de A. Medeiros

FICHA CATALOGRÁFICA

Seminário Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (1.: 2022: Belo Horizonte, MG).

S471a Anais do I Seminário Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa / Terezinha Taborda Moreira, Bernardo Nascimento de Amorim, Luciana Brandão Leal, Roberta Maria Ferreira Alves, Roberta Guimarães Franco, Wellington Marçal de Carvalho. – Belo Horizonte (Online): PUC Minas/UFOP/UFV/UFVJM/UFMG, 2022.

135 p.: il.

Anais do I Seminário Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, 19 a 21 de outubro de 2022.

Tema: Crises, nós, fronteiras.

Homenagem à Professora Doutora Laura Cavalcante Padilha.

ISBN: 978-85-00-55099-3

1- Literaturas africanas em português – Congressos. 2- Literatura e história – Congressos. 3 – Literatura contemporânea - Congressos. I – Moreira, Terezinha Taborda. II. Amorim, Bernardo Nascimento de. III. Leal, Luciana Brandão. IV. Alves, Roberta Maria Ferreira. V. Franco, Roberta Guimarães. VI. Carvalho, Wellington Marçal de. VII. Título.

CDD – 896.31

Bibliotecário responsável Wellington Marçal de Carvalho – CRB6/2303

CESPUC - PUC MINAS: Av. Dom José Gaspar, 500, Prédio 20, sala 211 • Coração Eucarístico • CEP: 30535-901 • Belo Horizonte • Minas Gerais • Brasil • Tel.: (31) 3319-4904 • cespuc@pucminas.br • <https://www.pucminas.br/cespuc>.

ANAIS DO 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

CRISES, NÓS, FRONTEIRAS

PROF^ª DR^ª TEREZINHA TABORDA MOREIRA (PUC MINAS)

PROF. DR. BERNARDO NASCIMENTO DE AMORIM (UFOP)

PROF^ª DR^ª LUCIANA BRANDÃO LEAL (UFV)

PROF^ª DR^ª ROBERTA MARIA FERREIRA ALVES (UFVJM)

PROF^ª DR^ª ROBERTA GUIMARÃES FRANCO (UFMG)

PROF. DR. WELLINGTON MARÇAL DE CARVALHO (GEED - CNPQ)

[ORG.]



UFV
Universidade Federal
de Viçosa



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

CESPUC - MG
CENTRO DE ESTUDOS
LUSO-AFRO-BRASILEIROS
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE MINAS GERAIS



Comissão Científica:

Profa. Dra. Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (Faperj/CNPq)

Profa. Dra. Inocência Mata (Universidade de Lisboa)

Profa. Dra. Jurema José de Oliveira (in memoriam) (UFES)

Prof. Dr. Mário César Lugarinho (USP/CNPq)

Profa. Dra. Moema Parente Augel (Universidades de Bielefeld e Hamburgo – Alemanha)

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva (USP)

Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)

Profa. Dra. Tânia Lima (UFRN)

Secretaria:

Profa. Dra. Luciana Genevan (PUC Minas)

Doutoranda Francisca Patrícia Pompeu Brasil (PUC Minas)

Doutoranda Glaucimara Alves da Costa Vieira (PUC Minas – UESPI)

Mestranda Dayane Argentino Dias (PUC Minas – Capes II)

Apoio Técnico:

Prof. Me. Auliam da Silva (PUC Minas)

Profa. Dra. Elaine Cristina Andrade Pereira

Me. Elisa Maria Taborda da Silva

Prof. Me. Jardel Pereira Fernandes (PUC Minas – Capes II)

Mestranda Nathaly Ohanna Freitas da Silva (PUC Minas – CNPq)

Mestrando Suélio Geraldo Pereira (PUC Minas – Capes II)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
MÉMORIA	11
HOMENAGEM A PROFESSORA DOUTORA LAURA CAVALCANTE PADILHA	15
PROGRAMAÇÃO	
Programação das Mesas	18
Programação dos Simpósios	22
MINICURSOS	
1. Literatura São-Tomense no Ensino Médio: uma proposta de aproximação	36
2. Oralidade, escrita e leitura na Educação Básica: a literatura cabo-verdiana	38
3. Prosa e Poesia em Moçambique: Panorama das Literaturas Moçambicanas	40
4. Breve panorama da literatura de Angola	41
5. Guiné-Bissau: uma literatura que luta contra a invisibilidade	42
RESUMO DAS COMUNICAÇÕES	
Simpósio 1 – Ensino de literaturas africanas de língua portuguesa	45
Simpósio 2 – Teoria e crítica literária africanas	53
Simpósio 3 – Literaturas afrodiaspóricas	67
Simpósio 4 – Deslocamentos espaciais e estéticos	81
Simpósio 5 – Intermialidades contemporâneas	88
Simpósio 6 – A autoria feminina nas literaturas africanas	96
Simpósio 7 – Colonialidade, violência e resistência	106
Simpósio 8 – Memória e testemunho	120
Simpósio 9 – Identidades e diversidades	131

APRESENTAÇÃO

O **I Seminário Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (SILAS)**, realizado entre os dias 19 e 21 de outubro de 2022, nasce do esforço conjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e da Universidade Federal de Viçosa (UFV) para promover a integração entre pesquisadores vinculados a instituições de ensino e pesquisa do Estado de Minas Gerais, Brasil.

Com o tema **Crises, nós, fronteiras**, o I SILAS pretende constituir-se num fórum de discussão sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, seus modos de produção, circulação e recepção, e também sobre as relações que os sistemas literários de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe estabelecem entre si e com outros sistemas literários e semióticos. Abrindo-se para a diversidade cultural, o evento intenta propor debates que estejam atentos às fronteiras, seus diálogos e tensões, problematizando, por meio do exercício comparativo, a maneira como as literaturas africanas de língua portuguesa encenam as diversas crises que atravessam seus tempos e espaços, articulando-se e/ou afastando-se de outras práticas estéticas, endógenas e estrangeiras.

O SILAS acontece na modalidade *online*, utilizando, especialmente, as plataformas *Zoom* e *YouTube*, que garantem a conexão necessária entre expositores e público para os diálogos tão caros aos seminários.

MEMÓRIA

O I Seminário Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – SILAS – acolhe experiências e resultados de eventos anteriores, realizados pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas em seu compromisso de contribuir para o fortalecimento dos estudos e pesquisas da área.

Desde sua criação, em 1989, o PPG Letras instituiu as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa como área de pesquisa. Nesse sentido, em outubro de 1995 realizou o I Simpósio Internacional de Estudos Africanos, reunindo, em Belo Horizonte, pesquisadores das culturas africanas provenientes do Brasil, de Portugal, wAngola, Moçambique e Cabo Verde, o que impulsionou novas pesquisas relacionadas com as culturas e as literaturas dos CINCO, para utilizar o termo proposto por Inocência Mata (2013). O evento ratificou o esforço desenvolvido pelo PPG Letras no sentido de trazer a Belo Horizonte pesquisadores que, no Brasil, em Portugal e nas ex-colônias portuguesas em África, desenvolviam importantes estudos relacionados com as diferentes manifestações culturais dos países a que pertenciam. O evento aconteceu com a colaboração do Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiros – CESPUC – e seus resultados foram reunidos em um dossiê da Revista *Scripta*, v. 1, n. 1, publicada em março de 1997 (Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/717>) e no número 5 dos *Cadernos Cespuc de Pesquisa*, publicado em 1999 (<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/issue/view/915>).

Em novembro de 2002 o PPG Letras realizou o II Simpósio Internacional de Estudos Africanos, que contemplou estudos históricos, ficção, poesia, dramaturgia, teatro, crítica e procurou, ainda, avaliar os rumos e tendências propostos pelas literaturas africanas naquele momento. Novamente trazendo para a capital mineira pesquisadores nacionais e internacionais, o evento reafirmava o compromisso de realizar encontros periódicos de pesquisadores, a fim de incentivar o contato permanente entre as várias universidades brasileiras e estrangeiras que mantêm, em seu currículo, cursos de literaturas produzidas na África de Língua Portuguesa. Além disso, o evento procurou fortalecer as inter-relações das literaturas

de língua portuguesa e dar maior visibilidade a pesquisas realizadas na PUC Minas sobre os trânsitos que a literatura suscita entre os países que têm o português como língua nacional. Esta segunda edição do evento também contou com a colaboração do CESPUC. Seus resultados aparecem no número 11 dos *Cadernos Cespuc de Pesquisa*, n. 11, publicado em 2003 (<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/issue/view/897>) e em uma publicação que se tornou referência no Brasil e no exterior: o livro *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*, organizado pela Profa. Dra. Ângela Vaz Leão e publicação pela Editora PUC Minas em 2003, reunindo africanistas de renome, com o objetivo de disponibilizar material de consulta aos estudantes universitários e a outros interessados no tema.

Em 2010, o PPG Letras uniu-se ao PPG-Estudos Literários da UFMG e ao PPG-Estudos da Linguagem da UFOP, a fim de realizar o IV Encontro de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da AFROLIC, o qual teve lugar em Ouro Preto. Além de incursões pelos espaços da Literatura e da Teoria da Literatura, o IV Encontro da AFROLIC abrigou também reflexões advindas da História, da Antropologia, dos Estudos Culturais e das Artes em geral, incentivando os diálogos que ressaltassem os horizontes políticos e sociais encenados pela literatura e significados pelas ações dos escritores e dos estudiosos. As pesquisas apresentadas no evento permitiram construir um amplo panorama das dinâmicas culturais e literárias a partir das quais a África vem sendo pensada na contemporaneidade. A amplitude e a profundidade das reflexões que fizeram parte do IV Encontro da AFROLIC podem ser vistas nas várias publicações que o evento gerou: o v. 14, n. 27 da revista *Scripta*, publicada em 2010 (<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/296>); dois números dos *Cadernos Cespuc de Pesquisa* publicados em 2010: o de n. 19 (<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/issue/view/636>) e o de n. 20 (<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/issue/view/637>); e o livro *África: dinâmicas culturais e literárias*, organizado pelas profas. Maria Nazareth Soares Fonseca, da PUC Minas e Maria Zilda Ferreira Cury, da UFMG, publicado pela Editora PUC Minas em 2012.

A história dos eventos que antecedem o I SILAS resulta da experiência do PPG Letras da PUC Minas de buscar a parceria com outras instituições mineiras para construir uma rede de pesquisas em literaturas africanas dos CINCO. Nesse sentido, o SILAS pretende contribuir para consolidar o Estado de Minas Gerais como referência nos estudos e pesquisas de/em literaturas africanas de língua portuguesa, reconhecido nacional e internacionalmente. Sua concepção é um esforço conjunto de pesquisadores e IES que acreditam na construção de redes de investigação que, por meio do diálogo, impulsionem a produção de conhecimentos sobre as literaturas africanas dos CINCO. Ao mesmo tempo, atento à necessidade de dar visibilidade a essas literaturas, o SILAS pretende se tornar, também, um espaço de difusão de conhecimentos que possam ser amplamente disponibilizados para todos os interessados nos debates sobre a área, em especial professores e alunos de Educação Básica, de Graduação e de Pós-graduação em Letras.

**HOMENAGEM A PROESSORA DOUTORA
LAURA CAVALCANTE PADILHA**



PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO DAS MESAS

19/10/22 – QUARTA-FEIRA

Manhã – 9:30h

Abertura: Terezinha Taborda Moreira (PUC Minas)
Roberta Guimarães Franco (UFMG)
Bernardo Nascimento Amorim (UFOP)
Luciana Brandão Leal (UFV)
Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)
Wellington Marçal de Carvalho (GEED - CNPq)

Manhã – 10h – 12h

Provocações 1 – Literaturas africanas, literatura mundo?

Mediação: Mário César Lugarinho (USP)
Convidados: Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC Minas-UFMG)
Pires Laranjeira (Universidade de Coimbra)
Simone Caputo Gomes (USP)

Tarde – 13:30h – 15:30h

Mesa 1 – Políticas e poéticas da memória

Mediação: Roberta Guimarães Franco (UFMG)
Convidados: Sílvio Renato Jorge (UFF)
Rejane Vecchia (USP)
Elena Brugioni (Unicamp)

Tarde – 16h – 18h

Simpósios (1 a 9)

Noite – 18:30h

Lançamento de Livros e de Minicursos

Apresentação: Roberta Alves (UFVJM) e Wellington Marçal (GEED - CNPq)

PROGRAMAÇÃO DAS MESAS

20/10/22 – QUINTA-FEIRA

Manhã – 10h – 12h

Mesa de Escritoras

Mediador: Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB)

Convidadas: Vera Duarte (Cabo Verde)
Odete Semedo (Guiné Bissau)
Sônia Sultuane (Moçambique)

Tarde – 13:30h – 15:30h

Mesa 2 – Vozes femininas nas literaturas africanas de língua portuguesa

Mediação: Luciana Brandão Leal

Convidadas: Maria Teresa Salgado (UFRJ)
Simone Schmitz (UFSC)
Vanessa Riambau (UFPB)
Assunção de Maria Sousa e Silva (UFPI)

Tarde – 16h – 18h

Simpósios (1 a 9)

Noite – 18:30h – 20:30h

Conferência: A palavra encantada de Ana Paula Tavares

Conferencista: Terezinha Taborda Moreira (PUC Minas)

PROGRAMAÇÃO DAS MESAS

21/10/22 – SEXTA-FEIRA

Manhã – 10h – 12h

Mesa de Escritores

Mediação: Roberta Alves (UFVJM)

Convidados: Mia Couto (Escritor – Moçambique)
Abdulai Sila (Escritor e Editor – Guiné Bissau)

Tarde – 13:30h – 15:30h

Mesa 3 – Áfricas em palavras, imagens e movimentos

Mediação: Bernardo Nascimento de Amorim (UFOP)

Convidados: Carmen Tindó Ribeiro Secco (UFRJ)
Júlio Machado (UFF)
Lívia Apa (Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”- Itália)
Ana Mafalda Leite (Universidade de Lisboa Portugal)

Tarde – 16h – 18h

Simpósios (1 a 9)

Noite – 18:30h – 20:30h

Provocações 2: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e pós-colonialidade?

Mediação: Marinei Almeida (Unemat)

Convidadas: Renata Flávia (UFF)
Sebastião Marques Cardoso (UERN)

Encerramento – 20:30h

PROGRAMAÇÃO DOS SIMPÓSIOS

SIMPÓSIO 1 – ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
19/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Willian Barbosa Caetano	Literatura, movimento e arte: o ensino das questões étnico-raciais em uma escola de tempo integral
	Fabiely da Silva Barbosa	Ancestralidade, tradição e memória: construindo e comunicando saberes das africanidades na literatura infantil
	Eliane Pinto Teixeira	A literatura afro-brasileira e africana na educação infantil: representatividade e inclusão
	Debate	
20/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Guadalupe Estrelita dos Santos Menta	A contextualização do ensino de literaturas africanas de língua portuguesa: um foco nas metodologias ativas
	Rivânia Maria da Silva	A poesia de Corsino Fortes em sala de aula: uma proposta de sequência didática
	Deusemar do Cardoso Nascimento	Ensino remoto: limites e desafios docentes de língua portuguesa
	Edmilson Rodrigues	A singeleza dialógica em <i>Rosita até morrer</i> , de Bernardo Honwana e <i>Rosinha</i> , de Calane Silva
	Debate	

SIMPÓSIO 2 – TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA AFRICANAS

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
19/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Eni Alves Rodrigues	Crítica acadêmica das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil: um estudo de teses produzidas no período de 2013-2017
	Dênis Augusto Sousa da Silva	Códigos ISBN de países africanos e as relações assimétricas com antigas metrópoles
	Davidson Sepini Gonçalves e Victória da Silva Vasconcelos	A filosofia na literatura decolonialista africana
	Camila Bylaardt Volker	Elizabeth Costello lê <i>Niketche</i>
	Ângela Maria Guida	Notas de ecocrítica em <i>A visão das plantas</i> e <i>As Andorinhas</i> .
	Debate	
20/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Janato Iussufo Janato	Literatura ao serviço da coisa pública - uma análise à luz de “ <i>Contratado para ser Presidente do Município</i> ”
	Samuel Maciel Martins	Do eu-lírico à “Nossa voz”: militância poética contra o colonialismo em <i>Sangue Negro</i> , de Noémia de Sousa
	João Ngola Trindade	<i>O segredo da morta</i> : romance colonial ou angolano?
	Noé Vitorino Vermelho Có	Ondima dos Pepéis no romance <i>Kikia matcho</i>
	Alexandre Lira Sá	O inquietante Fradique Mendes: um lusitano em trânsito além-mar
	Debate	

21/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	José Welton Ferreira dos Santos Junior	Um chão para poesia: palavra e política na literatura de Ondjaki
	Stela Saes	Imbricações entre literatura, história e feminismo: uma proposta de leitura para romances africanos de autoria feminina na contemporaneidade
	Ana Luíza D. B. Drummond	Paulina Chiziane e as fronteiras das mulheres e do homem
	Gabriela Gomes Reis	Uma breve leitura do romance <i>Precisamos de novos nomes</i> (2014), de Noviolet Bulawayo, pelo viés da paródia pertencente ao pós-colonialismo
	Júlio César de Araújo Cadó	Ouvir o inaudito: a voz silenciada da natureza em <i>O desejo de Kianda</i>
	Debate	

SIMPÓSIO 3 – LITERATURAS AFRODIASPÓRICAS

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
19/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Samara Leal Barroso	Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis: um estudo comparado em torno de suas narrativas abolicionistas
	Nicola Biasio e Alessia Di Eugenio	Diálogo afroatlântico entre Brasil e Portugal: leituras de <i>Cartas para minha avó</i> de Djamilia Ribeiro e <i>Esse cabelo</i> de Djaimilia Pereira de Almeida
	Floriza de Souza Fernandes	A literatura diaspórica como forma de inscrição na comunidade portuguesa
	Pedro Henrique Pimenta de Sousa	Ancestralidade e Lugar: estudo comparativo entre <i>Canto obscuro às raízes</i> , de Conceição Lima, e <i>Ponciá Vicêncio</i> , de Conceição Evaristo
	Anna Kristyna Araújo da Silva Barbosa	Maria Firmina dos Reis e a representação da mulher no romance <i>Úrsula</i>
	Debate	
20/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Michelly Conceição Cardoso	O poder e a resistência na escrita de Solano Trindade
	Camila Justino Miguel da Costa	A bala é perdida, mas nunca erra o alvo: negra-flor na imensidão do asfalto
	Mariana Moreira Costa do Carmo	A intelectualidade negra na encruzilhada: os valores civilizatórios afro-brasileiros como operadores teórico-críticos de análise literária, em “Azul da pele Preta” e “Neguinha metida”
	Luciano Galdino da Silva Junior	"Respeitem meus cabelos, brancos": encenações do corpo negro na produção contista de Cristiane Sobral
	Debate	

21/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Carolina Batista de Souza	"Solidão e Vergonha": a literatura de Marilene Felinto
	Bianca Barros Viana Menezes	Bonecas de Pano: abuso e exploração sexual de personagens meninas-negras na ficção de Taylane Cruz
	Davi Xavier Rocha	Decolonialidade e Literaturas afro-diaspóricas: uma análise acerca da obra de Conceição Evaristo: <i>Becos da Memória</i>
	Paulo Petronilio Correia	Sou Preto, sou Gay, sou Pretoguês: poesia e escrita de si como resistência
	Maria Edilene Justino	"Eu destilo melanina e mel": autorrepresentações e afirmações do corpo feminino negro nas poéticas de Upile Chisala
	Debate	

SIMPÓSIO 4 – DESLOCAMENTOS ESPACIAIS E ESTÉTICOS

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
19/10/22	Fabíola Guimarães Pedras Mourthé	Os sentidos da viagem em <i>O país de Akendenguê</i>
	Gustavo Henrique Rückert	A história de um calcanhar angolano entre Luanda e Lisboa
	Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva	Mar é palavra para desassossego: uma leitura de <i>Menina sem palavra</i> , de Mia Couto
	Debate	
20/10/22	Kaio Carvalho Carmona	A palavra-curva, grávida de poesia, em <i>Do rio ao mar</i> , de Manuel Rui
	Ana Angélica Miranda Veloso	Entre dois hemisférios: Migração e Direitos Humanos em <i>Luanda, Lisboa, Paraíso</i> e <i>Estive em Lisboa e lembrei de você</i>
	Debate	

SIMPÓSIO 5 – INTERMIDIALIDADES CONTEMPORÂNEAS

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
19/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Miguel Lombas	<i>Rappers</i> - os guardiões da memória africana *
	Fernanda Diniz Ferreira e Jailton dos Santos Silva	Identidade, história e memória: uma análise comparativa de “Respeitem meus cabelos, brancos,” de Chico César e “Identidade”, de Mia Couto
	Cristine Fickelscherer de Mattos	As intermedialidades de “É doce morrer no mar”, conto de José Eduardo Agualusa
	Adriana Cristina Aguiar Rodrigues	Espaços da cultura angolana no século XXI: democratização ou as persistentes fronteiras de asfalto?
	Debate	
20/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Manuela Luiza de Souza	Masala: a jornada de construção de um herói preto
	Camila Geovanna Alves da Silva	Intermedialidades dialógicas: figurações da colonialidade em <i>Mortu negra</i> , de Flora Gomes, e <i>A última tragédia</i> , de Abdulai Sila
	Roberta M. F. Alves	O testamento do Senhor Napomoceno: a palavra transcrita em imagem-movimento
	Debate	

SIMPÓSIO 6 – A AUTORIA FEMININA NAS LITERATURAS AFRICANAS

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
19/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Patrícia Pinheiro-Menegon	Lilia Momplé e as personagens femininas nos contos da obra <i>Ninguém Matou Suhura</i>
	Glaucimara Alves da Costa Vieira	O olhar feminino sobre a tradição e oratura guineenses no conto “Aconteceu em Gã-biafada”, de Odete Semedo
	Adriane Figueira Batista	“ <i>Deste lado, a outra margem do infinito / onde o crepúsculo saúda o regresso</i> ”: escrita e memória na poesia de Conceição Lima
	Debate	
20/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Fineza Manuel Domingos	<i>A Literatura Angolana no Feminino</i>
	Jaqueline da Silva Oliveira	<i>Poeta Alda Lara</i>
	Érica Luciana de Souza Silva e Thomaz Heverton dos S. Pereira	Um polígono de seis pontos: erotismo e resistência em <i>Niketche: uma história de poligamia</i>
	Maria do Carmo Pinheiro Silva Cardoso Mendes	<i>"Faz da tua dor um poema": a obra literária de Vera Duarte</i>
	Debate	
21/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Francisca Patrícia Pompeu Brasil	<i>O papel da boa esposa em Niketche, uma história de poligamia</i> , de Paulina Chiziane
	Alice Brasil Cavache	As vozes das mulheres moçambicanas por Paulina Chiziane e Mia Couto
	Marcos Antônio Fernandes dos Santos	Escrita e condição feminina no conto “Mutola, a unguida”, de Paulina Chiziane
	Andreia Oliveira	Paulina Chiziane e (a visibilidade d') o Prémio Camões
	Debate	

SIMPÓSIO 7 – COLONIALIDADE, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
19/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Cristina Arena Forli	Paisagens da infância em Moçambique: uma leitura das personagens infantis em contos de Mia Couto
	Brenda Mayara Félix Borges	A representatividade da criança no conto “O embondeiro que sonhava pássaros”
	Caliane Portelada da Silva	“A filha da solidão”: algumas coisas acontecem sem que você perceba
	Nathaly Ohanna Freitas da Silva	Narrativa e trauma em <i>Vinte e Zinco</i> , de Mia Couto
	Macksa Raquel Gomes Soares	Vozes femininas que resistem ao colonialismo e ao silenciamento em <i>A confissão da leoa</i> , de Mia Couto
	Debate	
20/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Yago Viegas da Silva	Isaura e as faces da violência em <i>Nós matamos o Cão Tinhoso</i> , de Luís Bernardo Honwana
	Déborah Alves Miranda	Dilemas do colonizado na obra <i>O alegre canto da perdiz</i> , de Paulina Chiziane
	Teresa Beatriz Azambuya Cibotari	Fique quieto, mas diga o que você compreendeu: inscrições decoloniais da infância na novela <i>Quem me dera ser onda</i> , de Manuel Rui
	Fernanda Moreira Justo	<i>A vida verdadeira de Domingos Xavier</i> : literatura e identidade nacional angolana durante a guerra de independência
	Jacqueline Kaczorowski	<i>De rios velhos e guerrilheiros</i> : “sonho nosso era de uma onça ferida, perseguindo teimosamente seu trilho de muitos séculos, por matas e morros demarcados a sangue e luta”
	Debate	

21/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Igor Santos Carneiro	O discurso da mestiçagem em Cabo Verde: uma abordagem a partir da literatura do grupo Claridade (1936-1960)
	Joranaide Alves Ramos e Sávio Roberto Fonseca de Freitas	Cosmopoética insular e de [r]existência: uma leitura ecofeminista de <i>O lugar das ilhas</i> , de Sónia Sultuane
	Altair Sofientini Ciecowski	<i>As orações de Mansata</i> : Amambarka e as formulações de poder na obra de Abdulai Sila
	Raissa Moraes de Aguiar	A dupla subalternidade em questão: uma leitura de Abdulai Sila
	Joyce Brito dos Santos	A domesticidade e as agências femininas em <i>A última tragédia</i> , de Abdulai Sila
	Debate	

SIMPÓSIO 8 – MEMÓRIA E TESTEMUNHO

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
19/10/22	Rosemary Conceição dos Santos	Expectativa, Negligência e Resistência nas Memórias e Testemunhos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
	Raul Pereira Pinto	Feridas de Guerra em <i>Estórias Abensonhadas</i> , de Mia Couto
	Giselly de Sousa Sampaio	Imagens de mulher: tradição e modernidade em <i>Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra</i>
	Tania de Resende Garcia	As Tomadas Histórica e Literária de Chaimite
	Debate	
	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	Leticia Valandro	Relações entre literatura, memória e H/ história(s) na prosa de Abdulai Sila
	Gabriel Dottling Dias	A escrita da solidão, da memória e da resistência em Guita Jr.
	Michael de Assis Lourdes Weirich	Outros modos de dizer o passado: a memória afetiva individual na poesia de Odete Semedo
	Raíssa Kayonnara Albuquerque de Souza e Lucas de Lima Oliveira	Narrativas orais na literatura de Guiné-Bissau através do conto “Os dois amigos”, de Odete Semedo
Debate		
	Coordenação do Simpósio	Boas vindas

21/10/22	Helder da Rocha Castro	O legado de Mayombe em movimento pendular entre o ético e estético
	Márcia Regina Schwertner	Comensalidade e diálogos de poder em <i>Predadores</i> , de Pepetela
	Christiane Gonçalves dos Reis	Teoria geral do esquecimento, de José Eduardo Agualusa: um diálogo entre ficção e História
	Erick Caixeta Carvalho Scheffer	Múltiplas temporalidades no romance <i>A Gloriosa Família</i> , de Pepetela
	Karol de Sousa Bernardes	“A dor sempre encontra uma forma de se fazer escutar”: a dupla noção de testemunha em <i>Essa dama bate bué!</i> , de Yara Monteiro
	Debate	

SIMPÓSIO 9 – IDENTIDADES E DIVERSIDADES

DATA	SIMPOSISTA	TÍTULO DA COMUNICAÇÃO
19/10/22	Coordenação do Simpósio	Boas vindas
	José Antonio Gonçalves	Crises, nós e fronteiras no neoanimismo de Ruy Duarte de Carvalho
	Valci Vieira E e Juciene Silva de Sousa Nascimento	Identidade multifacetada em <i>O Desejo de Kianda</i> , de Pepetela
	Fly Wanner Costa Baima	<i>O Vendedor de Passados</i> e a busca da identidade por José Buchmann
	Lorena Luana Dias da Silva	Construções identitárias e vozes femininas no romance <i>Antes de Nascer o Mundo</i>
	Natalino da Silva de Oliveira	Identidade e subjetividade em <i>As visitas do Dr. Valdez</i>
	Debate	

MINICURSOS

Os minicursos serão gravações disponibilizadas no *site* do evento (silasminas.com.br) através da plataforma *YouTube*, após o seu lançamento no primeiro dia do evento.

1. Literatura São-Tomense no Ensino Médio: uma proposta de aproximação

Prof.^a Me. Francisca Patrícia Pompeu Brasil*

Prof. Me. Auliam da Silva**

Com o intuito de promover o ensino da história e da cultura africanas lusófonas, assegurado pela Lei nº 10.639/2003, este minicurso, destinado a professores do Ensino Médio, apresenta uma proposta de leitura dos poemas “Ilha do Nome Santo”, de Francisco José Tenreiro (1967), “Ilha”, de Olinda Beja (2009), e “Canto Obscuro às Raízes”, de Conceição Lima (2012). A intenção é mostrar que o professor, através de leituras comparativas, possibilitará ao aluno identificar a presença de vozes de resistência proferidas pelos povos africanos. Durante o minicurso, serão destacados alguns temas presentes nos textos de Tenreiro, Beja e Lima. São eles: a riqueza cultural do povo são-tomense, o amor à terra, e a opressão provocada pelo imperialismo português. Também será destacada a forma como esses temas são apresentados nos três poemas: através de uma linguagem metafórica, com uso de imagens que representam os conflitos entre o opressor e o oprimido e que evocam a nação como símbolo da busca pelo reconhecimento da identidade são-tomense. Como referencial teórico, serão utilizadas as obras: *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, de Maria Nazareth Soares FONSECA e Terezinha

* Professora de Educação Básica, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Professor de Educação Básica, Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e Doutorando na mesma instituição. Membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

Taborda MOREIRA (2007); Literatura e Resistência, de Alfredo BOSI (2002); “Ensinar literatura para quê?”, de Paulo FRANCHETTI (2009); Afeto e Poesia, de Carmen Lúcia Tindó SECCO (2014); Discurso Nacional e Etnicidade em África: o caso de Guiné-Bissau, de Artemisa Odila Candé MONTEIRO (2019); BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC (2018).

Palavras-chave: Literatura são-tomense. Vozes de resistência. Educação Básica. BNCC.

2. Oralidade, escrita e leitura na Educação Básica: a literatura cabo-verdiana

Prof.^a Dr.^a Luciana Genevan da Silva Dias Ferreira*

Prof.^a Dr.^a Elaine Cristina Andrade Pereira**

Constatam-se desafios múltiplos, na contemporaneidade, para se abordar literatura na Educação Básica, sobretudo literaturas africanas de língua portuguesa, conteúdo curricular previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) e assegurado também pela Lei nº 10.639/2003. Dentre desafios e dificuldades mais evidentes, podem-se destacar a formação dos professores e a produção literária disponível. Diante disso, propõem-se análises de questões relacionadas à criação, produção e circulação da literatura cuja recepção vise aos públicos infantil e juvenil e ao ensino de literatura na Educação Básica no Brasil. Enfatiza-se a literatura cabo-verdiana, observando-se a materialidade das obras para elaborar reflexões que busquem convergências entre oralidade, escrita e multisssemiose, visando a uma educação ética, crítica e estética. Busca-se ainda compreender o papel da literatura durante a formação do discente no ensino básico, já que atualmente há a necessidade de se justificar o motivo de se ensinar literatura na escola, porque, diferente de outros conteúdos curriculares, o ensino-aprendizado de literatura parece obscurecido. Para tanto, fontes teóricas que sustentam esta abordagem abrangem estudos sobre literatura e ensino, de Iris Maria da Costa Amâncio (2008); Antoine Compagnon (2009); Paulo Franchetti (2009) e Márcia Marques de Morais (2020); sobre oralidade e literatura com Leda Martins (2007); sobre

* Professora de Educação Básica, Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) – Bolsista CAPES II, Membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Professora de Educação Básica, Mestre em Letras: Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Bolsista CAPES II. Membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

literatura como Direito Humano com Antonio Candido (2004); sobre literatura cabo-verdiana com Benjamin Abdala Junior (2003) e Simone Caputo Gomes (2008).

Palavras-chave: Literatura. Educação Básica. Cabo Verde. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. BNCC.

3. Prosa e Poesia em Moçambique: Panorama das Literaturas Moçambicanas

Prof. Me. Jardel Pereira Fernandes*

Prof. Me. Gilson Ventura**

Este minicurso tem como proposta apresentar um breve panorama acerca da produção estética moçambicana. Pretende-se perfilar obras de autoria feminina e masculina, as quais espelham os movimentos históricos, sociais e culturais de Moçambique. Propor-se-á a leitura oral e performática de alguns textos em poesia e em prosa, as quais permitirão abrir o debate crítico sobre as temáticas abordadas por eles. O diálogo entre estudantes de Pós-graduação, Graduação e da Educação Básica estará aberto, a fim de se construir novos caminhos para pensar o ensino das literaturas moçambicanas nas diferentes esferas educacionais, contemplando, assim, o que está previsto pela Lei nº 10.639/2003. As fontes teóricas que sustentam esta abordagem abrangem estudos sobre literatura e ensino com FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa (2007); RIBEIRO, Margarida Calafate; MENEZES, Maria Paula (Orgs). Moçambique - Das palavras escritas (2008); MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? (2014); BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC (2018); COUTO, Mia. Estórias Abensonhadas (2016); CHIZIANE, Paulina. O Canto dos Escravizados (2018).

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Leitura oral e performática. Educação Básica. BNCC.

* Professor de Educação Básica e do Ensino Superior. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Bolsista Capes II. Doutorando pela PUC Minas. Membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Professor de Educação Básica. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Bolsista Capes II. Doutorando pela PUC Minas. Membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

4. Breve panorama da literatura de Angola

Dayane Argentino Dias*

Suelio Geraldo Pereira**

Este minicurso tem como proposta promover um breve percurso pela literatura angolana, de forma a contemplar seus aspectos históricos e políticos, assim como sua construção estética, narrativa e performática. O objetivo deste trabalho é proporcionar uma introdução à vasta literatura angolana, expressão tão rica, variada e pouco conhecida/trabalhada pelos professores brasileiros. Buscamos também instigar os participantes a trabalharem, em suas salas de aula, com algumas das obras apresentadas, contemplando, dessa forma, o ensino de literaturas africanas na Educação Básica, conforme previsto pela lei 10.639/2003. Vale apontar que algumas fontes teóricas sustentam a proposta deste minicurso, tais como: A Literatura Angolana, de Carlos ERVEDOSA (1963); Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, de Marilda Franco de MOURA (2016); Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, de Pires LARANJEIRA (1995); Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, de Manuel FERREIRA (1977); Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, de Maria Nazareth Soares FONSECA e Terezinha Taborda MOREIRA (2007); BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC (2018).

Palavras-chave: Ensino. Literatura angolana. Educação Básica. BNCC.

* Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. Bolsista CAPES II. Membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. Bolsista Capes II. Membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

5. Guiné-Bissau: uma literatura que luta contra a invisibilidade

Prof.^a Me. Glaucimara Alves da Costa Vieira*

Nathaly Ohanna Freitas da Silva**

O minicurso sobre a literatura de Guiné-Bissau tem o objetivo de compartilhar possibilidades de trabalho literário para professores, estudantes e pesquisadores das literaturas africanas de língua portuguesa, através de narrativas que surgem da tradição oral de um povo que tem seu olhar para a terra em diálogo com literatura. Será apresentado um pequeno panorama da literatura guineense a partir de textos que narram tradições africanas, em especial, a tradição oral guineense, suas histórias e aspectos culturais advindos de seus ancestrais, que são repassados de geração a geração. O minicurso pretende apresentar alguns dos principais textos e escritores que compõem o sistema literário de Guiné-Bissau, bem como, de temas mais recorrentes em suas obras. Pauta-se pela Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história da África e da cultura Afro-brasileira nas instituições públicas e privadas de ensino no Brasil. A metodologia adotada envolve leitura e análises literárias de algumas narrativas e de poesias, as quais apresentam trajetórias e aspectos particulares da cultura e do povo guineense. A fundamentação teórica deste minicurso abrange estudos voltados para Tradição oral, a literatura africana em língua portuguesa, em especial, a literatura de Guiné-Bissau, como: HAMPÂTÉ BÁ (1982), PADILHA (2005), FINNEGAN (2006), FONSECA & MOREIRA (2007), AUGEL (2008), FONSECA (2008), Érica BISPO (2013), Inocência MATA

* Professora EBT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-IFPI, Doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUC Minas, Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, membro dos grupos de pesquisa: Gato sem rabo: Literatura de Autoria Feminina e Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculados ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. E-mail: glaucimara.vieira@ifpi.edu.br.

** Graduada em Letras – Português pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, membro do Grupo de Pesquisa África e Brasil - Repertórios Literários e Culturais, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. E-mail: nathaly22ohanna@gmail.com

(2015), CALADO (2015), BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC (2018), entre outros.

Palavras-chave: Literatura Guineense. Tradição oral. Educação Básica. BNCC.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

SIMPÓSIO 1 – ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Coordenadores: Profa. Dra. Lílian Paula Serra e Deus (UNILAB) e
Prof. Dr. Wellington Marçal de Carvalho (GEED - CNPq)**

19/10/22 – 16h às 18h

EMENTA: O ensino de Literaturas Africanas no Brasil tem, ao longo dos anos, encontrado muitos entraves, que perpassam a necessidade de atentar-se para uma perspectiva de formação continuada dos profissionais da área; para a questão dos currículos escolares, que muitas vezes não atendem às exigências das leis 10.639 e 11.645, que como sabido dispõem, sobretudo, sobre a obrigatoriedade de se voltar o olhar para a história e cultura africana no âmbito da educação. Nesse sentido, este simpósio se propõe a discutir as questões complexas que abarcam o ensino das Literaturas Africanas no Brasil, pensando-se em todas as suas nuances, desde a maneira como a Base Nacional Comum Curricular assegura ou se omite com relação a essas literaturas; como elas aparecem nos livros didáticos ou como a sua ausência pode sinalizar para a necessidade de enfrentamento de tensões que impigem ao ensino das literaturas africanas uma espécie de margem dentro do cenário da educação. Propõe-se, pois, refletir sobre essas questões no sentido da proposição de perspectivas que problematizem a situação do ensino das literaturas africanas no Brasil, pensando-se nos desafios a serem enfrentados e que se relacionam a uma multiplicidade de fatores que precisam ser atravessados para que as literaturas africanas alcancem um espaço cada vez maior dentro do sistema educacional brasileiro.

Literatura, movimento e arte: o ensino das questões étnico-raciais em uma escola de tempo integral

Willian Barbosa Caetano (Professor da Educação Básica)

RESUMO: Este projeto foi desenvolvido em consonância com a Lei 10.639. Articula-se na educação antirracista, através da literatura africana, alinhando-se com autores consagrados, como Manuel Lopes, com a obra *Flagelados do Vento Leste*, para construir um comparativo entre África e Brasil, visualizando as semelhanças política, econômica e social em ambos os países. Trazendo a transdisciplinaridade para uma proposta de ensino antirracista, foram feitas abordagens da Literatura, Arte e Educação Física, alinhando componentes. Também foi feita uma abordagem de Pesquisa Ação, com base nos estudos do teórico David Tripp, em que os alunos foram instigados à construção do conhecimento, através da análise literária, jogos e brincadeiras africanas e da arte africana. O emprego da ludicidade foi o aporte principal da pesquisa. A arte na cultura africana desperta a compreensão sobre as civilizações antigas africanas, a partir das estruturas artísticas, além de transpassar a sensibilidade dos grupos a partir dos valores étnicos, morais e religiosos. As máscaras, objeto trabalhado nas aulas, têm uma importância multicultural, que expõe vários significados místicos, geralmente usados em rituais e funerais. A modelagem das máscaras tem um intuito de representar segredos na selva, entre outros valores que ensinam essa pluralidade cultural através dos meios artísticos. Na Educação Física, foram feitas diversas brincadeiras e cirandas para lembrar nossa ancestralidade.

Palavras-chave: Educação. Artes africanas. Ancestralidade. interdisciplinaridade.

Contato: willianbarbosacaetano25@gmail.com

Ancestralidade, tradição e memória: construindo e comunicando saberes das africanidades na literatura infantil

Fabiely da Silva Barbosa (Mestranda)

RESUMO: Esta comunicação visa apresentar uma pesquisa de mestrado, em andamento, cujo objetivo principal é identificar elementos relativos à tradição, ancestralidade e memória em duas obras da literatura negro-brasileira (CUTI, 2010): *Sona*, contos africanos desenhados na areia, de Rogério Andrade Barbosa e o livro *O Black power*, de Akin de Kiusam de Oliveira. Trabalharemos ancestralidade a partir de Eduardo Oliveira (2021), que reflete que o corpo também é ancestralidade. O corpo, na cultura de matriz africana, tem uma vinculação com os antepassados, com a história coletiva e individual. Já Conceição Evaristo (2008) discorre sobre a memória, defendendo que esta está viva no corpo, por isso o corpo é uma construção, é linguagem, é metáfora, é tradição, é passado e presente. Hambaté Bâ (2008) irá articular a tradição o ato de transmitir histórias, acontecimentos, fatos, para os jovens, que os mais velhos, mais experientes fazem, em um contexto social, mágico-religioso. A partir dessas questões, primeiramente, observaremos como os escritores trabalharam esses temas, trazendo trechos dos livros. Em seguida, analisaremos como é a construção dos personagens mais velhos, os “avôs”, que têm consigo uma experiência de vida, de saberes, e como as crianças recebem esse conhecimento. Por fim, verificaremos como é a infância dos personagens crianças. A metodologia da pesquisa é de base qualitativa e se baseia na leitura e análise das obras, com vistas a perceber como os conceitos se manifestam no texto e como os significados são construídos. Para tal, utilizaremos as proposições de Kiusam de Oliveira (2020); Eduardo Oliveira (2021); Marisa Lajolo e Ana Zilberman (2007, 2017); Amadou Hampaté Bâ (2010); Conceição Evaristo (2008); Eliane Debus (2017); Débora Cristina de Araújo (2015); Ione Jovino (2006); Maria Anória de Jesus Oliveira (2010). Espera-se encontrar, a partir das análises, obras que identifiquem a criança negra, que a apresentem como protagonista de sua história, mostrem como a

ancestralidade, a memória e a tradição fazem parte da vida das crianças e de seus avôs.

Palavras-chave: Ancestralidade. Tradição. Memória. Literatura Infantil.

Contato: fabielybarbosa415@gmail.com

A literatura afro brasileira e africana na educação infantil: representatividade e inclusão

Eliane Pinto Teixeira (Mestranda)

RESUMO: A literatura africana e afro-brasileira no ensino infantil é de suma importância e alimenta, na vida da criança, a representatividade e a inclusão nos espaços, trazendo a esperança e a seriedade para que se vejam como pessoas que fazem parte do contexto educacional. O presente trabalho tem o desígnio de refletir sobre a magnitude do uso da literatura africana e afro-brasileira na educação infantil na perspectiva da lei 10.639/03, que torna obrigatória o ensino de história, cultura afro-brasileira e africana na escola pública ou privada. Os aspectos metodológicos apropriados foram de cunho bibliográfico, para um levantamento de apropriação da temática e exploratório, para um devido estudo sobre a temática. Como aporte teórico foram utilizados Botelho (2003), Moreira; Viana (2015) e outros. Concluimos que, de fato, o trabalho se intensifica no sentido da própria criança se ver nas histórias infantis e se auto identificar e auto reconhecer como qualquer outra pessoa que esteja apta e preparada para se inserir na sociedade, rompendo com estereótipos.

Palavras-chave: Representatividade. Literatura africana. Literatura afro-brasileira. Educação infantil

Contato: elianelianinha3@gmail.com

20/10/22 – 16h às 18h

A contextualização do ensino de literaturas africanas de língua portuguesa: um foco nas metodologias ativas

Guadalupe Estrelita dos Santos Menta (Professora Universitária)

RESUMO: O ensino de Literaturas e cultura africana tem grande relevância na formação da cidadania, sendo fundamental em todos os níveis educacionais, na contextualização dos conteúdos, visando à quebra de paradigmas. Para as Leis 10.639 e 11.645 saírem do papel são necessários mecanismos como treinamentos, cursos e ações continuadas que proporcionem aos docentes suporte para o planejamento de suas aulas, com a inserção dessas propostas de maneira assertiva. A releitura da história, embasada na contextualização das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e na ampla representatividade dos seus protagonistas na cultura brasileira, bem como na sua resistência e afirmação, será a base das reflexões deste trabalho. O objetivo desta proposta é de apresentar metodologias ativas no ensino, buscando a participação dos alunos das graduações na construção do saber, o que pode refletir em um processo de ensino-aprendizagem motivador e interativo, com projetos contextualizados que visem alcançar os objetivos dessa temática. Por meio dessa proposta, pretende-se fomentar debates, reflexões e a busca de alternativas ao ensino de Literatura e cultura africana, com base na execução de projetos elaborados pelos próprios discentes das graduações em sala de aula, em que parte das demandas curriculares para esse fim possam ser contempladas. Sendo assim, ações com base em atividades lúdicas e metodologias ativas podem auxiliar no atendimento às leis já mencionadas, por meio de um trabalho multidisciplinar e dinâmico.

Palavras-chave: Contextualização. Metodologias. Ensino.

Contato: guadalupe.estrelita@hotmail.com

A poesia de Corsino Fortes em sala de aula: uma proposta de sequência didática

Rivânia Maria da Silva (Doutoranda)

RESUMO: No Brasil, o ensino de literatura brasileira sempre esteve atrelado aos movimentos artísticos provenientes da produção literária lusófona, sob a justificativa de que se faz necessário conhecer as referências ao sistema cultural e linguístico a que o idioma do colonizador nos deixou. No entanto, tal panorama revela-se excludente, visto que não abrange o estudo aprofundado de outras expressões literárias em língua portuguesa, como as africanas, já que essas são matérias pouco conhecidas no contexto escolar brasileiro, e o autor mais conhecido, estudado e publicado é apenas Mia Couto, um recorte pequeno diante da infinidade de autores e autoras de qualidade que estão ligados à África. Nesse sentido, assegurando o cumprimento da lei nº 11.645, artigo 26-A (2008), que torna obrigatório o ensino da cultura e história afro-brasileira, o objetivo deste trabalho é oferecer uma proposta didática que possa contribuir para inserção escolar de um autor sem grande repercussão no âmbito nacional, Corsino Fortes, poeta cabo-verdiano. Dessa forma, será apresentada uma proposta, seguida de um plano de aula, baseando-se na sequência didática sugerida por Rildo Cosson (2009), a ser realizada em quadro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação, tendo como material de análise especificamente o poema “De boca a barlavento”, do livro Pão e fonema (1974), com o intuito de evidenciar a qualidade estética e as características autorais do poeta supracitado.

Palavras-chave: Ensino de literaturas africanas. Literatura cabo-verdiana. Corsino Fortes.

Contato: rivanianess@gmail.com

Ensino remoto: limites e desafios docentes de língua portuguesa

Deusemar Cardoso do Nascimento (Doutoranda)

RESUMO: Neste artigo, propomo-nos analisar os limites e desafios da educação em um contexto de ensino remoto com adaptações às mudanças causadas pela pandemia da Covid-19, que ocasionou uma série de transformações nos modos de ver a educação e as práticas de ensino através do ensino remoto, principalmente para os professores de Língua Portuguesa. O Brasil, assim como todo o planeta, foi acometido, no ano de 2020, pela tenebrosa pandemia da Covid 19. Assim, todos tivemos que nos adaptar ao novo modo de viver e agir. Passamos por mudanças na escola, no trabalho e em casa. O uso das tecnologias e de recursos digitais passaram a ter uma significância e presença muito maior no ensino remoto e com alguma frequência temos nos adaptado a esse sistema, mas pouco se discute sobre qual a percepção dos alunos e dos docentes sobre os reais impactos deste uso e, principalmente, seus limites. Concepções e práticas pedagógicas sobre a questão do trabalho docente no ensino remoto são tão importantes quanto reflexões sobre alcançar o domínio de ferramentas que auxiliem nessa desafiadora missão e entender seus desafios e limites. Com este artigo propomos uma experiência que consiste em analisar e entender sobre os limites e desafios da educação em um contexto de ensino remoto com adaptações às mudanças causadas pela pandemia da Covid-19, que ocasionou uma série de transformações nos modos de ver a educação e as práticas de ensino através do ensino remoto.

Palavras-chave: Ensino remoto. Tecnologias. Recursos digitais. Inovação educacional.

Contato: deusemar85@gmail.com

A singularidade dialógica em *Rosita até morrer*, de Bernardo Honwana e *Rosinha*, de Calane Silva

Edmilson Rodrigues (Professor Universitário)

RESUMO: A nossa investigação comparativa – Nitrini (2000) –, resultado das experiências acadêmicas na LIESAFRO/UFMA, viveu a sedução fascinante dos criadores – Bernardo Honwana no conto *Rosita até morrer* (SAÚTE, 2001, p. 171) e Calane Silva, na poesia *Rôsinha* (SAÚTE, 2004, p. 422), que, em diálogo singelo, conduzem o leitor ao momento histórico de Moçambique, através da secreta linguagem pessoal e emotiva, íntima e reticente como esbulho histórico feminino, porque, “[...] o escritor é, pois, um criador, mas ao mesmo tempo, a sua obra está, toda ela, mergulhada no momento histórico que a origina” (RICCIARDI, 1971, p. 80). As obras cerzem as ranhuras do conflito da linguagem, apresentando as escarificações criadas pela estranguladora linguagem do colonialismo. Os autores descortinam uma literatura corporalmente comprometida ao concílio do dizer feminino imantada no sentir transgressor masculino.

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Feminino. Sensual. Liberdade. Comparação.

Contato: em.rodrigues@ufma.br

SIMPÓSIO 2 – TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA AFRICANAS

**Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha Taborda Moreira (PUC Minas/
CNPQ)**

19/10/22 – 16h às 18h

EMENTA: A formação dos sistemas literários africanos de língua portuguesa tem colocado em evidência o comprometimento que, muitas vezes, escritores e escritoras assumem com problemáticas políticas, ético-morais, socioculturais, ideológicas e econômicas. Consequentemente, a recepção crítica das literaturas tem priorizado os enfoques que realçam a interseção entre o estético e o histórico e/ou antropológico-sociológico. Tendo em vista esse enquadramento promovido pela produção crítica em literaturas africanas de língua portuguesa, este simpósio pretende discutir o modo como se vem conformando a sistematização dessas literaturas como campo de conhecimento, mas tentando ampliar a perspectiva para pensar em abordagens que permitam propor novas formulações analíticas e teóricas para elas. Assim, interessa a este simpósio a discussão dos seguintes temas: Como as literaturas africanas têm sido abordadas? Quais aportes teóricos têm alimentado o seu estudo? Eles têm contribuído para a construção de formulações teóricas que nos permitam dar visibilidade às especificidades das produções estéticas africanas de língua portuguesa? Como a abordagem crítica que se faz das literaturas africanas de língua portuguesa impactam a construção de um cânone da área? Esse cânone reflete a realidade das produções estéticas dos países africanos de língua portuguesa? As comunicações podem apresentar análises de obras e/ou autores/as específicos/as, ficcionais ou críticas, mas também podem conter abordagens comparatistas, inclusive com textos ficcionais ou críticos produzidos em outras línguas.

Crítica acadêmica das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil: um estudo de teses produzidas no período de 2013-2017

Eni Alves Rodrigues (Pesquisadora autônoma)

RESUMO: Será apresentado o resultado da investigação sobre as práticas de leitura acadêmica expostas em teses produzidas, no Brasil, sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, defendidas nos anos de 2013 a 2017. Partindo de uma seleção de teses disponíveis no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES, produzidas em programas de pós-graduação brasileiros, foram identificados os pressupostos críticos que orientam os estudos das literaturas africanas de língua portuguesa, com a intenção de avaliar o impacto de tais estudos na construção de pontos de vista sobre as concepções literárias abordadas nessas pesquisas. Foram verificados também quais nações dos países africanos de língua oficial portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) têm suas obras literárias mais estudadas nessas teses, quais autores e autoras são mais contemplados, bem como quais temas e teóricos são abordados nas teses do corpus averiguado. Os modos de leituras verificados, as investigações e as discussões acadêmicas indicaram pressupostos e estratégias críticas da teoria literária em geral e de outros campos de conhecimento que dialogam com a literatura. Muitos pressupostos teóricos semelhantes estão presentes nas teses, como os definidos pelos estudos pós-coloniais e pelos estudos comparados.

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa - Brasil. Teses de literatura. Teoria literária.

Contato: enialro@gmail.com

Códigos ISBN de países africanos e as relações assimétricas com antigas metrópoles

Dênis Augusto Sousa da Silva (Doutorando)

RESUMO: Esta proposta de comunicação pretende refletir sobre a estrutura do grupo linguístico em língua portuguesa no Sistema ISBN. Criado em 1967 para o controle de vendas de livros, no Reino Unido, o código desenvolvido pela companhia inglesa J. Whitaker Sons é controlado pela Agência Internacional do ISBN, sediada em Londres, responsável por definir a estrutura de grupos linguísticos e geográficos através da qual a emissão dos números se organiza. É relevante notar que, apesar das independências políticas conquistadas, a Agência de Portugal supervisiona até os dias atuais a emissão dos ISBNs dos PALOP. Na verdade, tais países sequer têm códigos próprios, mas são integrados ao “guarda chuva” da língua portuguesa, controlado pela Agência em Lisboa. Considerando que uma conjuntura semelhante ocorre nos países africanos de língua oficial francesa, cujos ISBNs são emitidos pela Agência sediada em Paris, pretende-se refletir sobre a relação entre colonialismo e fabricação de cultura literária nos PALOP, problematizando causas e efeitos do envolvimento de Portugal na emissão dos ISBNs desses países.

Palavras-chave: ISBN. PALOP. Colonialismo. Cultura literária.

Contato: denisaugusto@edu.ulisboa.pt

A filosofia na literatura decolonialista africana

Davidson Sepini Gonçalves (Professor Universitário)

Victória da Silva Vasconcelos (Graduanda)

RESUMO: Uma proposta de revisão da filosofia nos moldes como é praticada nas escolas brasileiras, desde as primeiras séries aos pós-

doutorados, levou-nos à literatura, ou no mínimo à certa filosofia literária, ampla em sua concepção e artística em sua realização. Nesse sentido, pensar uma filosofia decolonizadora seria propor uma atitude filosófica literária e artística? Seria possível elaborar questões filosóficas também a partir das obras de ficção que, por sua vez, revelassem outros olhares para além do eurocentrismo epistemológico? Autores como Wole Soyinka, Chinua Achebe e Okot P’Bitek, entre outros, parecem ressuscitar a antiga querela sobre os limites entre a filosofia e a literatura e, no caso específico da busca de uma filosofia africana que possa exercer esse papel decolonizador, certamente a literatura pode se apresentar como um caminho pertinente, uma vez que nela estão contidas as reflexões filosóficas mais complexas, profundas e graves que delineiam o pensamento africano e que possibilita à sociedade a construção de um pensamento antirracista. Nossa pesquisa tem pretendido, através do contato com esses e outros autores e autoras africanas, investigar a possibilidade de uma filosofia decolonialista estruturada a partir da literatura africana. No que diz respeito à metodologia, a partir de uma perspectiva de pesquisa qualitativa, está sendo adotado um caminho de investigação denominado Paradigma Indiciário, que busca interpretar os escritos mediante a observação de sinais e indícios reveladores de significados. Os indícios iniciais são animadores e apontas para ótimas possibilidades

Palavras-chave: Decolonialismo. Filosofia africana. Literatura.

Contato: profsepinipuc@gmail.com

Elizabeth Costello lê *Niketche*

Camila Bylaardt Volker (Professora Universitária)

RESUMO: A comunicação faz uma aproximação entre a “Palestra 2: O Romance na África”, de J. M. Coetzee em Elizabeth Costello (2004), e o romance *Niketche*, uma história de poligamia (2001), de Paulina Chiziane. A partir das reflexões de Costello sobre o futuro do romance e

o que seria o romance africano, vamos perscrutar como *Niketche* aguça nosso imaginário sobre a África e sobre o que seria o romance africano e, ao mesmo tempo, quebra nosso horizonte de expectativa. O romance de Chiziane possui uma suposta origem oral — a briga entre vizinhas —, o que alimenta um imaginário estereotipado. A narrativa, no entanto, começa com uma quebra: um dos filhos de Rami, a personagem principal, estilhaça o vidro de um carro. O vidro estilhaçado é o gatilho para que a narradora exponha sua situação de mulher casada e abandonada; é a ruptura que vai fazer com que mulheres se aproximem de Rami e exponham também a sua situação de mulheres casadas e sozinhas. Ao expor a rede poligâmica em que vive, Rami desorganiza essa rede, o que faz com que todos sejam deslocados de seus papéis. Essa trajetória de Rami, que refaz os caminhos de seu marido, engendra uma proliferação de metáforas, como uma ablação, segundo o conceito de Antoine Compagnon. Se, como afirma Costello, o escritor africano interpreta a África para os seus leitores, performando a própria africanidade enquanto escreve, em *Niketche* a performance da mulher moçambicana é executada às avessas, desarticulando estereótipos e lugares comuns do (que se esperaria) do romance africano.

Palavras-chave: Romance. Romance africano. Africanidade. Performance.

Contato: camila.volker@ufac.br

Notas de ecocrítica em *A visão das plantas* e *As Andorinhas*

Ângela Maria Guida (Professora Universitária)

RESUMO: Ainda que timidamente, a ecocrítica, campo de estudos literários que privilegia as relações entre literatura e saberes ecológicos, vem ganhando espaço nos debates acadêmicos desde a década de 90. Seu crescimento encontra eco para reflexões na medida em que também há o crescimento de ações predatórias contra os ecossistemas, sustentadas pela separação entre humano e mundo natural. Da natureza, importam apenas

as práticas extrativistas dos chamados recursos naturais, configurando, desse modo, num claro exemplo de colonialidade da natureza, conforme acredita Catherine Walsh (2008). Neste trabalho, pretendemos ler, à luz dos pressupostos da ecocrítica, as obras *A visão das plantas*, da angolana Djaimilia Almeida Pereira e *As andorinhas*, da moçambicana Paulina Chiziane, a fim de refletir acerca do que Mendes (2021) já antecipou, que é a formação de um futuro cânone de literatura ecocrítica a partir de obras produzidas por autores e autoras de África.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Djaimilia Almeida Pereira. Literaturas africanas de língua portuguesa.

Contato: angelaguida.ufms@gmail.com

20/10/22 – 16h às 18h

**Literatura ao serviço da coisa pública - Uma Análise à Luz de
*Contratado para ser Presidente do Município***

Janato Iussufo Janato (Pesquisador independente)

RESUMO: A história da Literatura, em Moçambique, está associada à história de luta pela emancipação intelectual e independência nacional. A Literatura Moçambicana (LM), na sua génese, serviu de base para inspirar libertação de mentes e da independência de Moçambique. Na época colonial, foram jovens escritores e estudiosos nativos residentes no País e estrangeiro que se opuseram à dominação colonial em Moçambique. A Literatura foi instrumento utilizado para estabelecer ligação entre diferentes tribos e etnias no combate à dominação colonial. Segundo Oliveira Leal e Vilela Tavares (2020), para unir os Moçambicanos, era necessário que “na nossa consciência morra a tribo para fazer nascer a Nação”, ou seja, deveria eliminar-se “traços de um individualismo para que fosse possível construir um trabalho colectivo no qual a unidade fosse uma prioridade”. Para Noa (2014), a LM esteve interligada aos percursos históricos e vivenciais, sendo uma característica da Arte Africana. Porque um único Autor(a)

não pode representar toda Literatura de um País, a leitura sistemática de diversos Autores moçambicanos permite uma compreensão mais ampla dos processos históricos a partir da Literatura produzida no País. A Literatura Moçambicana surge para contradizer a Literatura Colonial, produzida a partir dos anos ‘1930’, reagindo contra uma literatura panfletária de um regime” (LEITE apud SAÚTE, 1998), que valorizava o homem branco, sua presença e suas ações em África. A LM sempre procurou contribuir para a construção de uma “sociedade justa, solidária, disciplinada, com uma visão económica fundada na auto-suficiência e dependente essencialmente das próprias forças” (OLIVEIRA LEAL e VILELA TAVARES, 2020).

Palavras-chave: Literatura Moçambicana. Moçambique. Dominação Colonial. Independência. Contratos. Escritores. Governação. Boa Gestão. Coisa Pública

Contato: janato.jr@gmail.com

Do eu-lírico à nossa voz: militância poética contra o colonialismo em *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa

Samuel Maciel Martins (Mestrando)

RESUMO: Entre os anos de 1948 e 1951, Noémia de Sousa publica em periódicos, como o Brado Africano e Itinerário, os poemas que viriam a ser reunidos em *Sangue Negro*, em 2001, pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). No calor das agitações intelectuais e políticas efervescentes na Casa dos Estudantes do Império, a poética de Noémia de Sousa projeta uma voz coletiva contra o colonialismo em África. A partir desse aspecto de sua poesia, analiso como o eu-lírico da autora alcança um “nós” coletivo e representativo para a luta anticolonial moçambicana e africana. Consoante a isso, considero fundamental a reflexão sobre o movimento político-literário (SECCO, 2016) da poética de Noémia, o qual reverbera nos ideais dos movimentos de libertação pela independência no continente africano. Para tanto, o corpus deste trabalho é composto pelos

poemas Nossa Voz; Súplica; Passe; e, Justificação; que integram a primeira seção do livro, intitulada Nossa voz.

Palavras-chave: Voz Coletiva. Colonialismo. Luta Anticolonial. Movimento Político-Literário. Movimentos De Libertação

Contato: samuel.martins@aluno.uece.br

O segredo da morta: romance colonial ou angolano?

João Ngola Trindade (Mestrando)

RESUMO: O autor aborda, inicialmente, e de forma sucinta, o romance africano, focando-se, em seguida, sobre o seu surgimento em Angola, assinalado com a publicação, em 1935, de *O Segredo da Morta*, de António de Assis Júnior. A análise da obra chama a atenção para o facto de a mesma ter sido apresentada ao concurso de literatura colonial portuguesa, organizado pela Agência Geral das Colónias, e para a sua apropriação pela literatura angolana. Embora Wole Soyinka intervenha no debate, a construção do quadro teórico assenta, sobretudo, nos ensaios de Mário Pinto de Andrade, principal teórico das literaturas africanas de língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura angolana. Romance africano. António de Assis Júnior.

Contato: ngolatr@hotmail.com

Ondima dos Pepéis no romance Kikia matcho

Noé Vitorino Vermelho Có (Mestrando)

RESUMO: O romance *Kikia matcho* (1997), de Filinto de Barros (1942-2011), nos direciona a uma nova releitura sobre abordagem descritiva e interpretativa sociocultural da Guiné-Bissau. Portanto, essa

releitura remete-se aos usos e costumes de povo Pepel (Papel). Na obra, pretendemos analisar três elementos pertinentes desse povo que estão no drama. Primeiro, conceito do indivíduo no Pepel (mito da fundação da kinha (linhagem) no Pepel); segundo, percurso para ancestralidade (morte e cerimónia fúnebre); terceiro e por último, a encarnação (a revelação espiritual de pessoa). Pois, essas manifestações socioculturais de Pepéis configuram na figura de personagens N'dingui Có, sobrinhos (Benaf e Joana) e, seu amigo, Papai. No enredo percebe que N'dingui Có não está vivo, mas, através da memória de sobrinhos e amigos de luta de libertação nacional, temos conhecimento sobre ele. Às vezes aparece na figura do morto com a ligação a uma ave noturna, Kikia (coruja), para revelar a sua morte aos seus entes queridos e a sua encarnação espiritual em uma menina para expressar mistério de mundo dos mortos. A tessitura de *Kikia matcho* é também um pensamento alegórico do antigo combatente da luta de libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde, Filinto de Barros. Para realizar este estudo, pretendemos fazer abordagem qualitativa, na análise técnica do trabalho, vamos recorrer a bibliografias, análises do conteúdo e outros. Esses métodos permitirão elaborar trabalho final através das teorias conceituais, achamos pertinentes.

Palavras-chave: Pepel. Literatura sociocultural. Filinto de Barros. Guiné-Bissau.

Contato: noevermelho@gmail.com

O inquietante Fradique Mendes: um lusitano em trânsito além-mar

Alexandre Lira Sá (Mestrando)

RESUMO: Kristeva (1974) analisa a construção de um texto como um mosaico de citações, e que todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Partindo desse princípio, objetivamos tecer relações intertextuais entre duas obras literárias: de um lado temos a obra do autor angolano José Eduardo Agualusa intitulada *Nação Crioula: a*

correspondência secreta de Fradique Mendes (1997) e, por outro lado, uma obra da literatura portuguesa *Correspondência de Fradique Mendes* (1900) do renomado Eça de Queirós. O fio condutor desse diálogo entre literaturas se deve ao personagem Carlos Fradique Mendes, tomado por Agualusa da referida obra de Eça como a voz que ecoa os conflitos coloniais em Angola. A inquietude desse personagem o leva ao continente africano, um lugar tomado por injustiças políticas e sociais e degradação humana. Em trânsito entre Portugal, Angola e Brasil, Fradique não é apenas uma voz que critica as imposições do colonialismo português em África, mostra-se determinado a denunciar as mazelas sociais e a lutar em prol da liberdade do homem submetido ao trabalho escravo.

Palavras-chave: Inquietude. Intertextualidade. Fradique Mendes. Agualusa. Eça.

Contato: als.mla22@uea.edu.br

21/10/22 – 16h às 18h

Um chão para poesia: palavra e política na literatura de Ondjaki

José Welton Ferreira dos Santos Junior (Professor Universitário)

RESUMO: Este trabalho propõe uma leitura do livro de poemas de Ondjaki *Há prendisajens com o xão* (o segredo húmido da lesma & outras descoisas) (2011), considerando as relações entre a poesia, a palavra e o contexto sociopolítico de Angola após a independência. Para tanto, a leitura empreende um exercício transdisciplinar de articulação crítica entre os campos da teoria da poesia a partir das contribuições de Adorno (2003), de Berardinelli (2007), dentre outros, com os debates históricos e sociológicos acerca da configuração política de Angola na atualidade, tendo em vista a histórica participação da literatura no debate político. Além disso, pretende-se, ainda, verificar a relação dialética entre palavra e conhecimento, tornando a linguagem poética um caminho para análise

de dinâmicas sociais complexas e para a compreensão de uma criação poética que enfatiza a dimensão estética, sem perder de vista, todavia, a preocupação com as questões políticas de ontem e de hoje, no atual cenário da literatura angolana.

Palavras-chave: Poesia. Angola. Política.

Contato: jwferreira@uneb.br

Imbricações entre literatura, história e feminismo: uma proposta de leitura para romances africanos de autoria feminina na contemporaneidade

Stela Saes (Professora de Educação Básica)

RESUMO: A partir de uma abordagem imbricada entre estudos literários, história e teorias feministas, é possível realizar uma leitura comprometida de obras literárias oriundas do continente africano, especialmente àquelas produzidas por mulheres na contemporaneidade. Nesse sentido, de acordo com SARLO (2010), as leituras ‘desrespeitosas’ das obras literárias são as que podem realmente conduzir uma história por suas tramas, compostas de cenários, sujeitos, discursos e práticas, revelando um exercício constante de aproximações e distanciamentos de texto e contexto e entre as obras analisadas. Assim, com base também em Antonio Candido, a relação dialética permite analisar de que forma uma crítica literária comprometida com a totalidade pode contribuir com as formulações analíticas da literatura de autoria feminina no continente africano. Ainda, é necessário perceber quais são as reais condições de produção literária no tocante às escritoras, enquanto estão, justamente, nas trincheiras do sistema capitalista vigente. Então, é pelo viés imbricado entre literatura, história e feminismos, que o exercício de análise literária vai incidir sobre o modo pelo qual essas mulheres, no exercício da ficção e na construção de personagens em suas trajetórias no interior das narrativas, se expressam, se opõem e denunciam as condições materiais vividas. Dessa

forma, apresenta-se uma proposta de leitura imbricada dos romances *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, *Everything good will come*, de Sefi Atta, e *Do not go gentle*, de Futhi Ntshingila, partindo sempre do texto literário para que o social, o histórico e as ideologias feministas se revelem na tessitura das próprias obras.

Palavras-chave: Literaturas africanas. Feminismo. História. Autoria feminina. Crítica literária.

Contato: stelasaes@gmail.com

Paulina Chiziane e as fronteiras das mulheres e do homem

Ana Luíza D. B. Drummond (Professora de Educação Básica)

RESUMO: Em *Niketche*: uma história de poligamia, a escritora moçambicana Paulina Chiziane apresenta um panorama das relações afetivas, institucionais e tradicionais estabelecidas a partir de um casamento, o de Rami e Tony. Numa narrativa que faz uso singular e com igual intensidade da tragédia e da comédia, Chiziane nos revela o mundo afetivo de sua heroína Rami, que o narra através de uma costura resistente e elegante do mito, da ficção, do imaginário e do real, dando a ver, com intensidade, como as separações estabelecidas pelos discursos dualistas e dicotômicos constroem fronteiras, muitas vezes intransponíveis, entre o homem, o Um, e as mulheres, as outras.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Literatura moçambicana. Escrita feminina.

Contato: analuizadrummond@yahoo.com.br

Uma breve leitura do romance *Precisamos de novos nomes* (2014), de Noviolet Bulawayo pelo viés da paródia pertencente ao pós-colonialismo

Gabriela Gomes Reis (Mestranda)

RESUMO: O trabalho tem como objeto de estudo a obra *Precisamos de novos nomes*, (2014), de NoViolet Bulawayo. Apresentando de forma breve e objetiva a paródia como estratégia de resistência existente na escrita dos autores que por muito tempo foram inseridos em grupos que foram excluídos do centro da história. A partir desse aspecto, surgiu uma necessidade em falar, mas de forma sucinta, acerca da paródia e não apenas vê-la como um elemento de sátira, mas contemplá-la pelo viés do pós-modernismo e do pós-colonialismo. Pois ambas teorias veem ela como uma estratégia sutil, especificamente na teoria pós-colonial ao mostrá-la como uma configuração da resistência na escrita do escritor pós-colonial, pelo fato de ser uma forma ousada ao dizer “não” aquilo que lhe foi imposto, tornando-se interessante, porque é uma das mais difíceis para os poderes imperiais combaterem. Para tal finalidade, serviu-se de aporte teórico Hutcheon (1991), Ashcroft (1995; 2000), Bhabha (2018) e como apoio Bonnici (2005; 2009). Tendo uma metodologia de cunho bibliográfico, qualitativo com o objetivo de analisar a obra à luz da paródia e compreender que a escrita desses pequenos grupos do cotidiano tem ganhado destaque, já que se tornaram a voz de muitos que viveram e vivem para estabelecerem suas verdades.

Palavras-chave: Paródia. Literatura Africana. Pós-colonialismo. Resistência.

Contato: gabbii.blue99@gmail.com

Ouvir o inaudito: a voz silenciada da natureza em *O desejo de Kianda*

Júlio César de Araújo Cadó (Graduando)

RESUMO: Uma fissura separa, dentro do pensamento ocidental, a natureza e a cultura. Nessa perspectiva, o desenvolvimento urbano e econômico está assentado no vilipêndio dos elementos da natureza, vistos, apenas, como recursos disponíveis para a exploração por parte do capital. Frente a esse enquadramento ideológico, profundamente difundido no discurso neoliberal, os povos originários apontam cosmovisões que evidenciam a existência de uma rede simbiótica entre os diversos viventes e elementos que coabitam a Terra. Em diálogo com vozes dos pensadores indígenas, em especial Ailton Krenak e Davi Kopenawa, buscamos, neste trabalho, realizar uma leitura de *O desejo de Kianda*, de Pepetela, sob o prisma da Ecocrítica. Com isso, propomos um exercício de escutar a voz inaudita inscrita nas dobras do texto, aguçando nossos ouvidos para o rumorejar da vigilante deusa das águas.

Palavras-chave: Ecocrítica. Pensamentos indígenas. Pepetela. *O desejo de Kianda*.

Contato: julioccado@gmail.com

SIMPÓSIO 3 – LITERATURAS AFRODIASPÓRICAS

Coordenadora: Profa. Dra. Francly Silva (UFPB)

19/10/22 – 16h às 18h

EMENTA: O presente Simpósio Temático pretende estimular o diálogo e aprofundar as reflexões em torno de escritas literárias afrodiaspóricas nas quais se observam as interfaces entre literatura, história e memória para compreensão mais abrangente dos contextos e mecanismos de resistência negra, reescrita da história da escravização colonial e ressignificação identitária. Nesse percurso, cruzando tempos distintos, espaços e narrativas, é através do discurso literário de autoria negra que as questões relativas à ancestralidade, à identidade, à história e às culturas dos povos afrodiaspóricos e seus descendentes se manifestam e garantem o direito à memória de um povo/grupo. Centrada nestas preocupações, o Simpósio Temático alinha-se às questões epistêmicas desenhadas por Édouard Glissant (1990) acerca da “poética da relação”, assim como busca ancoragem na categoria político-cultural da Amefricanidade proposta por Lélia Gonzalez (1988). Em consonância com os pensamentos críticos de Stuart Hall (2003) e Carole Boyce-Davies (2010), o ST impulsiona um debate profícuo acerca das identidades diaspóricas -, evidenciando como estão constantemente em negociação-, além disso, promove uma articulação sobre as noções de “colonialidade de poder, saber e ser” (QUIJANO, 2000; MALDONADO-TORRES, 2016), bem como relativos à “insurgência negra epistêmica” (SALES, 2020). Por essa razão, pretende potencializar uma crítica ao processo do colonialismo e sua herança colonial nas relações de poder, de saber e do ser com vistas a contribuir para uma produção de conhecimento, cuja força pode ressoar nos estudos literários e analítico-críticos. A partir dos pontos levantados, este Simpósio Temático acolherá trabalhos que apresentem resultados de pesquisas já concluídas ou em andamento com foco naquelas que abordem os seguintes campos temáticos: diáspora, ancestralidade, memória, história, resistência, negritude, raça, gênero, feminismo, racismo, corpo, identidade, entre outras/os, tecendo esses diálogos a partir da análise de um ou mais texto/s literário/s de autoria negra diaspórica.

Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis: um estudo comparado em torno de suas narrativas abolicionistas

Samara Leal Barroso (Mestranda)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo comparativo em torno da escrita abolicionista de Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis, a qual se realiza por meio de uma leitura decolonial. Aqui, pretende-se investigar, por meio da leitura de algumas obras literárias dos autores, como ambos se posicionaram frente a questões relacionadas à escravidão e à luta abolicionista. Será utilizada uma leitura decolonial para refletir como se dá o debate de raça e gênero como elementos estruturantes da colonização e escravidão no Brasil e, sobretudo, como Firmina e Assis lutaram contra a lógica escravocrata em seus tempos, porque embora possuam estratégias literárias diferentes, o foco se dá em como se posicionaram como agentes políticos e intelectuais em torno do debate escravista e abolicionista. Para tanto, recorre-se aos trabalhos de Pinto-Bailey (2017), Duarte (2006, 2010, 2020) Tolomei (2019), entre outros.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis. Machado de Assis. Descolonialidade. Abolicionismo.

Contato: samaraleal173@gmail.com

Diálogo afroatlântico entre Brasil e Portugal: leituras de *Cartas para minha avó* de Djamilia Ribeiro e *Esse cabelo* de Djaimilia Pereira de Almeida

Nicola Biasio (Doutorando)

Alessia Di Eugenio (Pesquisadora)

RESUMO: A necessidade de reconhecer o processo de invisibilização das vozes afrodescendentes nas sociedades marcadas

pelos legados do colonialismo europeu implica a urgência de nomear o que foi removido e marginalizado, criando novas categorias identitárias. Este trabalho reflete sobre a discussão atual em torno das terminologias que definem a identidade e produção afrodescendente no âmbito literário português e brasileiro. Analisando as semelhanças, diferenças e influências entre Brasil e Portugal, a abordagem crítica proposta visa promover um diálogo afroatlântico que não entenda apenas estimular a descolonização dos cânones literários nacionais, mas que permita relativizar o primado do critério da nacionalidade para estudar e definir essas literaturas. Esse diálogo estimula a abertura de cânones alternativos e dissidentes, incentiva processos de transculturação da crítica literária e reflete sobre especificidades contemporâneas das vozes afrodescendentes de contextos periféricos (sul da Europa e sul Global) em relação aos sistemas editoriais hegemônicos. As perspectivas teóricas ligadas ao diálogo afroatlântico serão apresentadas através da análise conjunta de dois textos literários: *Cartas para minha avó* (2021), de Djaimilia Ribeiro, e *Esse cabelo* (2015), de Djaimilia Pereira de Almeida. De natureza fortemente autobiográfica, ambos os livros abordam questões como ancestralidade, memória, identidade e racismo sistemático, de uma forma que nos permite pensar nas literaturas afrodescendentes como possibilidades de diálogo afroatlântico com outras realidades, adotando uma perspectiva transnacional de interpretação e compreensão do presente e acompanhando os movimentos e processos de descolonização que decorrem da longa história de lutas, resistência e produção teórica dos movimentos do Sul global.

Palavras-chave: diálogo afroatlântico. Categorias identitárias afrodescendentes. Literatura brasileira. Literatura portuguesa. Descolonização.

Contato: nicola.biasio2@unibo.it ; alessia.dieugenio2@unibo.it

A literatura diaspórica como forma de inscrição na comunidade portuguesa

Floriza de Souza Fernandes (Mestranda)

RESUMO: A literatura de *Esse Cabelo* (2017), obra de Djaimilia Pereira de Almeida parece estabelecer um compromisso com a consolidação de uma comunidade imaginada não só para Mila - protagonista da tragicomédia, bem como para a autora afrolusitana, pois é nesse espaço que haverá a inscrição de identidades nacionais formadas mais pelo “tornar-se” do que pelo “ser”, tal como salienta Stuart Hall em *A identidade na pós-modernidade* (2006). Benedict Anderson aponta que sempre houve presente no colonizador o medo de que sentimento nacional no colonizado ultrapassasse as fronteiras patológicas do nacionalismo e se vinculasse ao fato da vivência despertar expressões de sentimento nacional (ANDERSON, 2008) – como, por exemplo, a literatura - que por muitas vezes soam mais legítimas do que as produzidas pelos nascidos em um determinado local. Além disso, se incluída a observação de Bell Hooks, esta infere que a escrita ocupa um lugar de descolonização que coloca o autor fora do lugar de “Outridade” (HOOKS, 1989), situação que configura a margem da alteridade em que esse autor permanecerá, provavelmente, em estado de pré-agregação à nação, como ensina Inocência Mata em *Estranhos em Permanência* (2014). Isso posto, cabe salientar a importância da literatura diaspórica na comunidade portuguesa, lançando um olhar aplicado para a representação da identidade nacional, fomentada pela noção imperialista de tradição europeia que consolida formas de exclusão - como por exemplo, o racismo - para quem é considerado diferente de seus padrões étnicos e sociais.

Palavras-chave: comunidade. Literatura. Diáspora.

Contato: florizalpsk8@gmail.com

Ancestralidade e Lugar: estudo comparativo entre *Canto obscuro às raízes*, de Conceição Lima, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

Pedro Henrique Pimenta de Sousa (Aluno de pós-graduação Lato Sensu)

RESUMO: O presente estudo busca traçar um paralelo entre textos literários de duas autoras de literaturas em língua portuguesa que expressam suas “escrevivências” em poesia e prosa com histórias que dialogam entre si através de dois olhares: a ancestralidade e o lugar. Tanto Conceição Lima, em seu poema *Canto obscuro às raízes*, quanto Conceição Evaristo, em seu romance *Ponciá Vicêncio* evidenciam as condições de exploração e sobrevivência em meio aos problemas socioeconômicos, recordando os espaços natais e suas raízes ancestrais, nunca abandonando os sentimentos e recordações de suas famílias. Para estabelecer um paralelo entre as duas obras, utilizaremos uma pesquisa feita em duas etapas (Ancestralidade, a partir das ideias de Palmeira, Maringolo, Santos e Miranda; e Espaço, pelas perspectivas de Bachelard, Duarte e Filho) que são, ao mesmo tempo, singulares, mas que também se complementam na formação de uma ideia geral em que, por nossa conclusão, colocam as duas obras em contato de aproximação, relacionando São Tomé e Príncipe e Brasil através de suas mulheres.

Palavras-chave: Literatura Africana em língua portuguesa. Literatura Comparada. Ancestralidade. Conceição Lima. Conceição Evaristo

Contato: pedrohenrique.pimenta@gmail.com

Maria Firmina dos Reis e a representação da mulher no romance *Úrsula*

Anna Kristyna Araújo da Silva Barbosa (Doutoranda)

RESUMO: O século XIX é marcado por profundas transformações na sociedade brasileira. A produção literária cresce exponencialmente e

as mulheres passam a produzir em jornais e folhetos do Império sobre as principais questões que surgem no Brasil pós-independência. A questão da nação, do mito fundador, dos direitos da mulher, da condição do negro e do índio na sociedade brasileira do oitocentos passam a ser evocados e mulheres como e Maria Firmina dos Reis (1825-1917) se debruçam sobre essas temáticas em suas obras, em sua grande maioria, de caráter literário. O objetivo do presente trabalho é traçar reflexões sobre a representação da mulher na obra *Úrsula* considerada uma obra romântica, porém foge muito das produções românticas do oitocentos. O romance escrito por Firmina em 1859 trabalha a questão do abolicionismo e da mulher a partir da perspectiva do outro, do subalternizado, e desenvolve uma narrativa em que a pessoa negra alcança os valores mais altos, tal qual a representação mais comum de personagens brancas na literatura do seu tempo. Firmina pensa o Brasil fora desses ditames e enfrentava uma já consolidada estrutura a qual se produzia literatura. Ante esse quadro, mesmo de maneira não encorajada, a autora apresenta visões de mundo e formas de interpretação do cotidiano social brasileiro que, se é possível dizer assim, transgrediram, em certa medida, o modelo de pensamento estabelecido, pois contêm, em suas produções, reflexões importantes para quem quer pensar, visitar e analisar o pensamento brasileiro sob uma perspectiva às margens dos cânones.

Palavras-chave: Maria Firmina. *Úrsula*. O papel da mulher. Literatura oitocentista.

Contato: annakristyna07@gmail.com

20/10/22 – 16h às 18h

O poder e a resistência na escrita de Solano Trindade

Michelly Conceição Cardoso (Mestranda)

RESUMO: O presente trabalho se propõe tecer reflexões através da escrita de Solano Trindade. Nossa proposta é construir um debate mais profundo em torno da literatura afro-diaspórica. Para isso, temos como objeto evidenciar a atuação negra deste país, apresentando os aspectos da religiosidade e da cultura africana e afro-brasileira na escrita do autor. A pesquisa utiliza a metodologia de cunho bibliográfico, pois tem o objetivo de recorrer a outros autores para estruturar a sua proposta. Contamos como aporte teórico, Sérgio Ferretti (2006), Roger Bastide (1934), Laís Fialho (2007), Katarina Real (2002) e Lilia Schwarcz (1993). Com base aos autores foi possível tecer reflexões em torno das inúmeras resistências construídas na escrita de Solano Trindade. E dessa forma, através desse trabalho, é possível compreender que a escrita de Solano se constrói em defesa da cultura e da memória do povo afro-brasileiro.

Palavras-chave: Francisco Solano. Literatura Afro-diaspórica. Memória do povo. História afro-brasileira.

Contato: michellyc916@gmail.com

A bala é perdida, mas nunca erra o alvo: negra-flor na imensidão do asfalto

Camila Justino Miguel da Costa (Graduanda)

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo analisar as múltiplas violências contra a criança negra encenada no conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, extraído da obra *Olhos D’água* (2015),

da escritora Conceição Evaristo. No decorrer do trabalho, apresentamos o conceito de criança-flor, pois constatamos que essa personagem infantil negra costuma ter um ciclo de vida curto, bem como as flores. Para embasar as argumentações desenvolvidas, discorreremos sobre o que Silva (2018) categoriza por *Ferocidade Poética*, que consiste na forma singular como as escritoras negras brasileiras encenam a violência em seus textos. Além do conceito desenvolvido por Silva, nos apoiaremos nas contribuições de Pessanha (2018) e Reis (2021) que estudam o necropoder e a necroinfância; Candido (1968) e (2010) na perspectiva de estudar a construção dos/das personagens, cenários e enredos que refletem a realidade social; Gouvêa (2005) que analisa em uma ótica historiográfica as questões do silenciamento e a caricatura das/os personagens negras/os na literatura canônica; do intelectual e psiquiatra Fanon (2008) que debate sobre o racismo e o impacto dessa violência que gera o adoecimento psíquico. Essas discussões serão desenvolvidas em diálogo com as pesquisadoras e intelectuais Franciane Conceição da Silva (2018) e Mirian Cristina dos Santos (2018) que abordam a perspectiva da violência como personagem nas narrativas de Conceição Evaristo.

Palavras-chave: Autora negra. Violência. Infância negra. Ferocidade Poética. Criança-flor.

Contato: camila50justino@gmail.com

A intelectualidade negra na encruzilhada: os valores civilizatórios afro-brasileiros como operadores teóricos-críticos de análise literária, em *Azul da pele Preta* e *Neguinha metida*

Mariana Moreira Costa do Carmo (Mestranda)

RESUMO: Este trabalho pretende analisar a intelectualidade negra e o epistemicídio, no conto “Azul da Pele Preta”, de Marília Pereira de Jesus (2022) e no poema “Neguinha Metida”, de Luciene Nascimento (2021), por intermédio da proposta de encruzilhadas teórico-metodológicas. O objetivo

desta investigação é evidenciar aspectos relacionados às caracterizações negro-brasileiras na literatura que corroboram para uma análise literária que considere outras epistemologias e que valorize a mulher negra enquanto intelectual. As encruzilhadas teóricas preconizam o encontro de conhecimentos, seja acadêmico ou por meio de saberes construídos na poética do cotidiano. Deste modo, propomos os valores afro-brasileiros, de Azoilda Loretto da Trindade (2010), caracterizados como: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital e oralidade, como operadores teóricos-crítico de análise literária. Como referencial teórico de construção da pesquisa, partimos das proposições de Hall (2016), Gonzalez (2020), Freitas (2016), Santos Souza (1983), Frantz Fanon (2005; 2008; 2021), Mbembe (2018), Kilomba (2019), Sodré (2021), Freire (2021), hooks (2017), Rufino (2019; 2021), Evaristo (2017) e Munanga (2005). Assim, as mordac as silenciadoras da subjetividade negra são retiradas, de modo que toda lógica de opressão, aliena o, homogeneiza o, epistemicídio e apagamento   cada vez mais confrontada, a fim de que sujeitos negros tomem consciência sobre as dinâmicas que reforçam a colonialidade, retomem o direito aos seus corpos e se tornem sujeitos de suas próprias histórias.

Palavras-chave: Literatura negra de autoria feminina. Teoria Literária. Descoloniza o do pensamento. Encruzilhadas teóricas.

Contato: marianacostadocarmo@gmail.com

Respeitem meus cabelos, brancos: encena es do corpo negro na produ o contista de Cristiane Sobral

Luciano Galdino da Silva Junior (Graduando)

RESUMO: A partir do estudo da produ o contista de Cristiane Sobral e de obras de artistas visuais negras, pretendemos com este trabalho desenvolver uma análise intersemiótica, utilizando o campo literário e

visual, de forma a compreender a importância do cabelo para a construção da identidade negra, entendendo que o cabelo não se limita somente à estética, mas também como um elemento de ancestralidade que compõe o corpo negro, assim como um símbolo de resistência a todo o peso do racismo e dos padrões hegemônicos impostos pela branquitude que afetam diretamente a autoestima e o espaço de pessoas negras. Nesse sentido, para desenvolver algumas das questões levantadas nesta pesquisa, utilizaremos como aporte teórico as reflexões de Nilma Lino Gomes (2019), Neusa Santos Souza (2021) e Frantz Fanon (2008).

Palavras-chave: Cabelo. Identidade negra. Ancestralidade. Resistência. Autoestima.

Contato: lucianogaldinojr188@gmail.com

21/10/22 – 16h às 18h

Solidão e Vergonha: a literatura de Marilene Felinto

Carolina Batista de Souza (Doutoranda)

RESUMO: Esse trabalho busca lançar perspectivas analíticas, a partir da sociologia das emoções, sobre as formas de humilhação vividas como “vergonha” diante das experiências racistas e misóginas trazidas pelas personagens da literatura de Marilene Felinto e a consequente solidão proveniente desse tipo de isolamento social e existencial. A ideia é traçar um arco temporal na obra da autora que abarcam dois dos seus trabalhos, temporalmente equidistantes: me refiro aqui, ao romance *Mulheres de Tejucupapo* (1980), primeiro livro publicado da autora e *Contos Reunidos* (2019), seu último trabalho. A noção de “vergonha” é tomada como um índice emocional-subjetivo acionado diante de experiências traumáticas da vida social em que as personagens femininas da literatura de Marilene se movem. Ao buscar, a partir dessa noção, analisar as situações desses

traumas, tento recolocar a importância político-estética dessa literatura, que além de tudo pode ser apresentada como uma pedagogia das emoções cotidianas.

Palavras-chave: Solidão. Vergonha. Literatura. Sociologia Das Emoções.

Contato: linabatista@hotmail.com

Bonecas de Pano: abuso e exploração sexual de personagens meninas-negras na ficção de Taylane Cruz

Bianca Barros Viana Menezes (Graduanda)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o abuso e a exploração sexual de meninas negras, encenadas na obra *O soldo dias* (2020), da escritora sergipana Taylane Cruz. Para empreender a análise, visamos os enfoques narrativos dos contos *Boneca de pano* e *Ilha dos passarinhos*, histórias que representam o racismo, o patriarcado e a dominação capitalista como pilares interligados que sustentam a efetivação e permanência dessas violências que se perpetuam ao longo dos séculos e são representadas no terreno literário. No decorrer do estudo, pretendemos descortinar essas violências que encenadas na ficção de Taylane Cruz revelam-se como expressões do racismo cotidiano (KILOMBA, 2019). Como embasamento da discussão teórica desta pesquisa, recorreremos aos estudos de: Hooks (2018), Gonzalez (1984), Kilomba (2019), Silva (2018) e Safiotti (2004). Nesse sentido, verificamos que a construção literária de Taylane Cruz, através de um olhar sensível e poético, faz a denúncia dos abusos praticados contra personagens meninas-negras, processo esse que é legitimado a partir do tripé: racismo, patriarcalismo e dominação capitalista. Diante desse contexto, podemos observar que a narrativa poética e transgressora da jovem ficcionista Taylane Cruz, escritora negra nordestina, reverbera de maneira potente, funcionando como uma ferramenta de denúncia e de preservação de memórias, ao mesmo tempo

em que cria possibilidades de enfrentamento às violências contra meninas negras, para que não as esqueçamos abandonadas nas valas das estatísticas e da banalização.

Palavras-chave: Literatura. Abuso Sexual. Exploração Sexual.
Taylane Cruz.

Contato: biancabviana23@gmail.com

Decolonialidade e Literaturas afro-diaspóricas: uma análise acerca da obra de Conceição Evaristo: *Becos da Memória*

Davi Xavier Rocha (Mestrando)

RESUMO: O principal objetivo desta proposta é apresentar um paradigma crítico acerca das desigualdades e do racismo presente na sociedade, a partir das experiências de vida ilustradas na obra da autora Conceição Evaristo. Notadamente, foram reunidos neste livro, inúmeras histórias de personagens que incorporaram o legado de luta dos brasileiros frente à desigualdade racial e social no Brasil. Um dos principais aspectos ressaltados na obra é a força da coletividade composta por indivíduos que possuem vivências e dificuldades distintas. Isto é, Não obstante à situação de vulnerabilidade social que enlaça os personagens, estes dividem esforços e recursos com vistas à subsistência e manutenção da comunidade. Como se depreende da narrativa, os moradores já, desiludidos com promessas do poder político e com a sua realidade, sabem que só podem contar uns com os outros. Mais do que dividir do que dispõe, os sujeitos representados compartilham esperança e promovem, na medida do possível, igualdade substancial.

Palavras-chave: Literatura. Afro-diaspórica. Coletividade.

Contato: davi.xavier@ufvjm.edu.br

Sou Preto, sou Gay, sou Pretoguês: poesia e escrita de si como resistência

Paulo Petronilio Correia (Professor Universitário)

RESUMO: Propõe-se aqui pensar a poesia e a escrita de si como performance da resistência do povo preto. Para esse movimento, irei propor e ao mesmo tempo descolonizar o que se entende por narrativa, escrita e literatura ao enegrecer esse campo que é branco, patriarcal, eurocentrado e normativo. A partir da noção política de “escrita de si” podemos nos compreender enquanto corpo-território preto, que escreve sobre si e suas práticas artísticas e estéticas. A escrita deve emergir de nosso corpo enquanto lugar de resistência e clamar por uma escrita encarnada, incorporada é fundamental, pois o nosso corpo é o lugar da resistência, dos processos de subjetivação e de afirmação de nossa [r]existência e ancestralidade. A escrita de si, mais que uma enunciação ou discursividade, é um lugar de fala em que o preto tenta recuperar sua plena humanidade, através de atos potencialmente subversivos. Pelo viés do feminismo negro tentarei tensionar as gramáticas da modernidade europeia que nulifica, invisibiliza e desautoriza a produção da escritura preta. A escrita preta é violentada na medida em que é desautorizada e apagada, causando o Boaventura Sousa Santos chamou de epistemicídio. Escrever nesse caso é um ato de resistência, pois a escrita preta é revolucionária na medida em que ao tentar romper com uma tradição de silêncio, se coloca como sujeita e sujeito de si no mundo.

Palavras-chave: Performance. Resistência. Escrita de si. Descolonização

Contato: ppetronilio@uol.com.br

Eu destilo melanina e mel: autorrepresentações e afirmações do corpo feminino negro nas poéticas de Upile Chisala

Maria Edilene Justino (Mestra)

RESUMO: As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, ainda seguem sendo fortemente representadas a partir tanto da perspectiva quanto da predominância da presença masculina. No entanto, a dita nova literatura, a literatura contemporânea, sobretudo, as escritas por Mulheres, sem dúvida, seguem no campo minado do desafio, do desbravamento, da resistência, da autoafirmação, do sentimento de realizar o apartheid daquela ideia instituída, forjada socialmente do berço das mentes masculinas, de que os campos simbólicos das representações literárias daquelas geografias, estão sim no rumo das pequenas, mas significativas revoluções via texto literário. Na perspectiva do desejo de falar de si, com seu “corpo falador”, autoafirmador, autoreflexivo, provocador de movências, que aqui se abordará a poesia da jovem autora Upile Chisala. O mesmo se dará por meio da apreciação entre a poesia e as teorias críticas feministas de gênero, raça, corpo, dentre outros. Isto com o propósito de que, o abraço fraterno entre a teoria e a poesia escrita por Mulheres Negras Diaspóricas, se concretizem em gritos de autolibertação.

Palavras-chave: Gênero. Poesia Negro-Feminina Diaspórica. Upile Chisala.

Contato: edilenejustino@gmail.com

SIMPÓSIO 4 – DESLOCAMENTOS ESPACIAIS E ESTÉTICOS

Coordenadora: Profa. Dra. Luciana Brandão Leal (UFV)

19/10/22 – 16h às 18h

Entre afro-muçulmanos e
Cristãos
Navego
E contra um cego
Império de escravos
E gloriosas mortes
Bracejo
(tal destro espadachim ibérico)
Embora meio judeu
Persa e azteca

(Virgílio de Lemos, A invenção das ilhas)

EMENTA: A etimologia da palavra trânsito, do latim, transitus, é assim definida pelo dicionário Houaiss: “1. ato de transitar [...] 2. afluência, circulação de pessoas [...] 3. movimento de veículos em determinada área, cidade, etc.; tráfego [...]. 4. passagem, acesso [...]. 5. passagem de um lugar a outro [...]. ETIM lat. transitus, us ‘ação de passar, passagem’, der. do lat. transire ‘passar de um lugar a outro’; passar; decorrer (o tempo)” (HOUAISS, 2001, p. 2751-2752). As definições da palavra referem-se a pessoas ou veículos, que se deslocam em determinado tempo e espaço, em movimento contínuo de ir e vir, o que pressupõe a interação com a paisagem e seus elementos. Os movimentos de trânsitos incorporam um complexo sistema de inter-relações.

Este simpósio acolherá trabalhos que investigam temas e manifestações de deslocamentos presentes na “floresta de signos” das literaturas africanas escritas em língua portuguesa. Nesse sentido, propõe-se, aqui, pensar a identidade, o pertencimento e a diferença que se manifestam nas feições literárias de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe a partir do conceito de diáspora de Stuart Hall (2011) e Prisca Agustoni (2013).

O termo diáspora, cuja origem etimológica vem do grego clássico e significa, essencialmente dispersão, define o deslocamento de pessoas de uma determinada região para outra, por motivos políticos ou religiosos. Originalmente, esse termo referia-se ao povo judeu exilado na Palestina e à sua dispersão forçada a partir do exílio na Babilônia (século VI a.C.) e após a destruição de Jerusalém (em 70 d.C.). Na história moderna, o povo judeu e seu destino no Holocausto são, segundo Stuart Hall, “um dos poucos episódios histórico-mundiais comparáveis, em barbárie, com a escravidão moderna” (HALL, 2011, p. 28). A diáspora judaica fundou-se como o exílio traumático de um povo permanentemente perseguido, fazendo com que a palavra diáspora tenha uma força semântica profundamente negativa.

Deslocando-se o significado desse termo para o contexto de África, o conceito de diáspora passa a significar a migração forçada dos negros africanos para o Novo Mundo, mediada pelos países europeus colonizadores, que viram nessa empreitada a possibilidade de grande rendimento econômico – a comercialização de escravos – o que pode ser analisado pelo viés histórico, geográfico, social ou antropológico. Em suma, o violento movimento diaspórico que se configurou em territórios africanos pode ser definido como a migração forçada de pessoas para espaços de domínio europeu. Mantém-se a ideia de dispersão para se caracterizar o termo, aproximando-o da acepção judaica, já que ambas carregam a marca de movimento conflituoso e violento. Stuart Hall (2011) dedica-se às reflexões sobre a diáspora caribenha, a partir da migração da população negra afro-caribenha para a Grã-Bretanha, no período pós-guerra, e sobre os assentamentos negros caribenhos no Reino Unido. Em prefácio para o livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Lik Sovik conclui: “o pensamento de Hall passa por convicções democráticas e pela aguçada observação da cena cultural contemporânea”, (SOVIK, 2011, p.11). Dada a relevância desse estudo e a possibilidade de, a partir dele, pensarmos a complexidade das identidades em construção, ele pode ser aplicado a outros espaços, como os países africanos de língua portuguesa. Segundo o teórico jamaicano, o conceito de diáspora não deve ser pensado apenas pela conformação binária das diferenças, já que tais definições não abarcam a

identidade cultural dos povos em diáspora. A identidade é “uma costura de posição e contexto” (SOVIK, 2011, p. 15) e não um conceito aleatório a ser estudado com base na fronteira da exclusão.

Os versos evocados na epígrafe desta seção, do poema “Paisagem tropical”, são sintomáticos, porque neles se constata influências e trânsitos no espaço tropical moçambicano, com heranças étnicas e culturais afro-muçulmanas, cristãs, judias, persas e astecas. Heranças diversas que constituem o tecido e a tessitura cultural de Moçambique. Essas múltiplas feições são retomadas em versos cujos fios de sentidos e palavras são urdidos pelo eu-lírico de Virgílio de Lemos. Essa epígrafe pretende evocar os trânsitos e deslocamentos que (con)formam as identidades e os projetos literários dos países africanos de língua portuguesa.

A palavra-curva, grávida de poesia, em *Do rio ao mar*, de Manuel Rui

Kaio Carvalho Carmona (Professor Universitário)

RESUMO: Recentemente publicada, a obra *Do rio ao mar*, do escritor angolano Manuel Rui, estabelece diálogo aberto com certa tradição e consegue reelaborar imagens caras ao imaginário coletivo africano, ao mesmo tempo em que com novo fôlego convida o leitor e a leitora a uma reflexão da própria condição, singular e humana, que se estabelece pela linguagem, pela palavra, pela poesia. Como já indica o título, a obra lida com o elemento fundador da vida - a água - que nasce, cresce, ganha força e se abre ainda para outros caminhos, outras perspectivas, em terra, pelo caminho até o mar; no céu, pela transformação, também em direção ao mar. Como uma espécie de epopeia, uma travessia, a escrita coloca em questão o percurso da própria humanidade, da mulher e do homem, do feminino e do masculino, que se buscam e se desencontram, como as águas de um rio correndo para o mar. A escrita de Manuel Rui, lírica em seu nascimento, ganha contornos e abertura da prosa, conjugando forma e processo, sintetizadas na imagem da palavra-curva, metáfora central utilizada no

novo livro. Esta comunicação realiza uma leitura da obra em comparação com a trajetória do autor angolano apoiada em textos teóricos e analíticos de pensadores como Octavio Paz, Jacques Rancière e Luís Kandjimbo.

Palavras-chave: Literatura angolana. Manuel Rui. Do rio ao mar. Poesia em prosa.

Contato: kaiocarmona@hotmail.com

A história de um calcanhar angolano entre Luanda e Lisboa

Gustavo Henrique Rückert (Professor Universitário)

RESUMO: Os deslocamentos pelas fronteiras identitárias impostas na modernidade ocidental configuram as principais questões da contemporaneidade, sejam essas fronteiras as de nacionalidade, de raça, de gênero ou de eficiência e capacidade. Nesse sentido, o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), da escritora angolana residente em Portugal Djaimilia Pereira de Almeida, é bastante elucidativo. Os personagens Cartola e Aquiles migram de Angola para Portugal em razão de uma má-formação no calcanhar do último. Assim, o corpo negro e com deficiências desafia a corponormatividade moderna, tornando-se indesejado na ex-metrópole, e por isso vítima de racismo e capacitismo. Amparado teoricamente nos estudos da deficiência e no pós-colonialismo, este trabalho se propõe a analisar o corpo da personagem Aquiles em seu deslocamento, entendendo este como de fundamental importância para a compreensão das condições de mobilidade e imobilidade imposta aos sujeitos pós-coloniais.

Palavras-chave: Deslocamento. Corpo. Deficiência. Colonização.

Contato: gh.ruckert@gmail.com

Mar é palavra para desassossego: uma leitura de “A Menina sem palavra”, de Mia Couto

Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva (Professor Universitário)

RESUMO: “A menina sem palavra”, conto curto do moçambicano Mia Couto, sintetiza uma estratégia literária e consolida as teses do autor a respeito da origem da literatura. Uma menina sem palavra se configura como nasceu, desprovida de palavras, apenas com balbucios de ruídos sem sentido que expressam seu imenso desassossego. Em se tratando de um escritor como Mia Couto, e considerando que cada autor fabrica sua própria língua, sua maneira singular de se expressar, “A menina sem palavra” é um conto no qual a imaginação se constrói pela falta e pela força singular de uma única palavra, capaz de ressignificar um mundo de silêncio. Entre o sonho da menina e o relato do pai propomos uma reflexão explorando a força narrativa como uma dimensão móvel que só o poder da ficção é capaz de compor.

Palavras-chave: Silêncio. Sonho. Mia Couto.

Contato: ricardo.nonato@ufma.br

20/10/22 – 16h às 18h

Os sentidos da viagem em *O país de Akendenguê*

Fabíola Guimarães Pedras Mourthé (Professora Universitária)

RESUMO: Pretende-se analisar as significações da viagem no livro de poemas *O país de Akendenguê*, da poeta são-tomense Conceição Lima, localizando-as entre a existência, a memória, a escrita, o corpo feminino e o desejo. Surgindo a viagem através de narrativas, de ações e relações socialmente constituídas, logicamente sujeita à intervenção de atos

individuais, enquanto estética e subjetividade, ela está sempre aberta, por exemplo, às significações da revisão social. Na exposição de uma direção poemática não restritiva, trata-se de elucidar como os sujeitos poéticos constroem a sua identidade e de todos os representantes de um constructo de processo social, cultural e histórico das ilhas de São Tomé e Príncipe e também do continente africano e do prolongamento global, numa abertura a um sentido mais amplo.

Palavras-chave: Viagem. Existência. Memória.

Contato: fa29guimaraes@yahoo.com.br

Entre dois hemisférios: Migração e Direito Humanos em *Luanda, Lisboa, Paraíso e Estive em Lisboa e lembrei de você*

Ana Angelica Miranda Veloso (Mestranda)

RESUMO: O objetivo da comunicação é analisar comparativamente dois romances: *Luanda, Lisboa, Paraíso* (Djaimilia Pereira de Almeida - angolana/portuguesa), e *Estive em Lisboa e lembrei de você* (Luiz Ruffato - brasileiro), com base em dissertação de mestrado. Nesse contexto, pretende-se compreender o processo de migração dos falantes do português para Portugal. A ferramenta metodológica empregada é a análise de personagens (BORDINI, 2006; REIS, 2019), com intuito de evidenciar como os direitos humanos são tolhidos aos imigrantes. O referencial teórico perpassa sobretudo as ideias de Boaventura de Sousa Santos, para o qual os indivíduos não são sujeitos de direitos humanos, apenas objetos de seus discursos. Os textos pós-coloniais questionam o poder das classes dominantes, haja vista que que a história é uma luta de poder, e o discurso é produzido em meio a essa luta, ligado às práticas e instituições culturais as quais determinam os parâmetros da classe dominante (burguesia branca, masculina, heteronormativa, grafocêntrica e logocêntrica) que controla a escrita e o pensamento (REIS, 1992). O imperialismo convenceu os nativos do “universalismo” da civilização europeia, no entanto, a partir das

críticas pós-coloniais, esse poder tem sido desconstruído, possibilitando a consciência da subjetividade político-cultural e a resistência contra a objetificação. A literatura passou a integrar diversas vozes, como as dos migrantes em Portugal, que lidam com a ausência da cidadania e dignidade. Desse modo, além de uma travessia espacial, entre os hemisférios norte e sul, os indivíduos passam por um atravessamento psicológico e identitário, ao se reconhecerem como sujeitos marginalizados na antiga metrópole.

Palavras-chave: Literatura. Deslocamentos. Migração. Direitos Humanos. Portugal.

Contato: veloso.ana@ufvjm.edu.br

SIMPÓSIO 5 – INTERMIDIALIDADES CONTEMPORÂNEAS

**Coordenadoras: Profa. Dra. Karina de Almeida Calado (SEE-PE) e
Profa. Dra. Roberta Maria Ferreira Alves (UFVJM)**

19/10/22 – 16h às 18h

EMENTA: Um grande desafio da atualidade é conhecer melhor as poéticas modernas e contemporâneas. Por esse motivo, entendemos que, ao privilegiarmos os instrumentos teóricos e críticos do domínio dos estudos interartísticos, tendo como objeto de estudo principal as práticas criativas de matriz literária, somos capazes de estabelecer aproximações e diálogos entre a imagem verbal, a imagem visual e a música, com destaque para as relações entre a Literatura e as Artes Visuais, Imagem em Movimento e Performance. Sob essa perspectiva, é possível ressignificar o papel da escrita literária num mundo que insistentemente privilegia a relação texto/imagem, questionando os mecanismos de inclusão e exclusão no cânone artístico, bem como os princípios que regulam o estabelecimento de fronteiras entre as artes e, ainda, a sua transgressão e/ou superação. Utilizando os conceitos de intermidialidade e de transmidialidade (RAJEWSKY, 2012; 2020), (CLÜVER, 2006; 2012) e (MÜLLER, 2012), com especial ênfase para as noções de hibridização, mediação, reciclagem e remediação, este simpósio pretende discutir as relações entre a Literatura Contemporânea e as Artes dos países africanos de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Rappers - os guardiões da memória africana

Miguel Lombas (Doutorando)

RESUMO: Este estudo pretende analisar a importância dos rappers como os griots da contemporaneidade, enquanto o agente social, cultural

e político da sua comunidade. Revestidos das identidades africanas, os rappers mais precisamente os Emceem/MC - através de manifestações artísticas, marcadamente a música, resgatam uma africanidade que se enquadra em questões e problemas atuais, tendo atuado como importantes vozes na denúncia do monopólio da violência do Estado. Para isso, parte de estudos sobre o griot, narrador da ancestralidade africana nas obras de Amadou Hampate Bâ, Jean Vansina, Hama, Joseph Ki-Zerbo, encontrando as especificidades dessas relações de guardiões da memória do seu povo, mantendo viva uma tradição ancestral, os rappers MCK e Emicida operam como elementos hereditários das culturas africanas e suas ressignificações em seus territórios. Os resultados apontam para uma poética coletiva no rap, um coletivo comprometido com as camadas sociais de onde advêm.

Palavras-chave: Griots. Identidades. Rappers. Emceem/MC. Africanidade.

Contato: lombadas1990@gmail.com

Identidade, história e memória: uma análise comparativa de “Respeitem meus cabelos, brancos”, de Chico César e “Identidade”, de Mia Couto

Fernanda Diniz Ferreira (Mestranda)

Jailton dos Santos Silva (Mestrando)

RESUMO: O objetivo deste estudo consiste numa análise comparativa entre a canção “Respeitem meus cabelos, brancos,” de Chico César, e o poema “Identidade”, que compõem a coletânea *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*, de Mia Couto, tendo como categoria analítica a identidade e, a partir desta, analisar o significado que é dado tanto à identidade nacional moçambicana quanto à brasileira, através da poesia e da música. A produção deste trabalho se justifica por dois motivos: o primeiro por não existir, até o presente momento, um trabalho comparativo como propomos aqui. Já o segundo motivo está relacionado às questões identitárias e à

relação que isso tem como instrumento de reflexão acerca da estruturação estético-ideológica sobre a identidade negra, ponto este fulcral para nossos estudos. Para melhor explanação do trabalho, aqui proposto, apoiamo-nos nos estudos de Bosi (2000), Schwarcz (2007), Stuart Hall (2014), entre outros.

Palavras-chave: Identidade. Poesia. Mia Couto. Música Popular Brasileira. Chico César.

Contato: fernanda.dinizfdf@gmail.com; jailton.silva30@gmail.com

As intermedialidades de “É doce morrer no mar”, conto de José Eduardo Agualusa

Cristine Fickelscherer de Mattos (Professora Universitária)

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar os processos intermediários envolvidos na produção e na recepção do conto “É doce morrer no mar”, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, publicado no livro *Aquela Canção: 12 contos para 12 músicas* (2005). A intermedialidade inerente ao conto advém da proposta editorial de Arthur Nestrovski de fornecer a autores contemporâneos canções da Música Popular Brasileira (especialmente gravadas para tal) e demandar-lhes que escrevessem contos inspirados nas canções recebidas. A Agualusa coube-lhe a canção de Dorival Caymmi intitulada também “É doce morrer no mar” (1959) que, por sua vez, fora inspirada no romance de Jorge Amado, *Mar morto* (1936). O projeto editorial é multimidiático, pois reúne aos textos dos contos e às letras das músicas, um CD com as gravações das canções. Com base nas contribuições teóricas de de Rajewsky (2012), Clüver (2007) e, em especial, Elleström (2017), o trabalho analisa o mencionado conto como produto de mídia resultante das intermedialidades sobrepostas do romance à canção e da canção ao conto; assim como examina a recepção, ponderando a respeito da percepção de tais intermedialidades. Esse imbricamento entre

música e literatura nos dá a oportunidade de trabalhar com materiais que exemplificam o rico intercâmbio cultural entre o Brasil e países lusófonos africanos. A análise aqui proposta nos permite ver as literaturas brasileira e angolana em franca interação produtiva nos moldes intermediáticos da contemporaneidade.

Palavras-chave: Intermedialidade. Literatura. Música. Agualusa.

Contato: cristinemattos@gmail.com

Espaços da cultura angolana no século XXI: democratização ou as persistentes fronteiras de asfalto?

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues (Professora Universitária)

RESUMO: Frantz Fanon (2005), ao refletir sobre os efeitos do imperialismo, argumentava que este não terminaria quando da independência política de um território e admitia, inclusive, que a libertação é um processo contínuo. Essa compreensão vai ao encontro do mote desta proposta de comunicação. Considerando que as ações culturais em Angola, sejam aquelas que se deram por meio da literatura sejam as que se deram nas instâncias artísticas e rítmico-musicais, apresentaram-se durante o período de luta armada como pontos nevrálgicos de disseminação dos ideais de libertação e do chamado ao combate contra o império português, no século XX, aqui, toma-se o cenário pós-independência, pós-socialismo e pós-guerra civil que se desenha a partir do Acordo de Paz, para pensar os delineamentos e as batalhas que se travam, mais notadamente na capital, Luanda, entre 2002 e 2020. A proposta visa, então, identificar tanto políticas públicas de incentivo à cultura quanto ações, projetos, coletivos, movimentos artísticos e literários de iniciativa da sociedade civil que contribuem para dinamizar e democratizar o acesso aos espaços culturais neste início de século. Outrossim, reconhecendo os avanços, busca-se, a partir do mapeamento, feito durante pesquisa de campo em Luanda e em entrevistas realizadas com escritores, artistas e produtores culturais

angolanos em 2019, considerar e apontar os reiterados desafios impostos a (quem deseja ser) escritor, artista, leitor, na periferia do sistema-mundo uno e desigual e que expressam outras roupagens daquilo que outrora Luandino Vieira literariamente denominou “A fronteira de asfalto”.

Palavras-chave: Cultura angolana. Políticas públicas. Movimentos artísticos. Movimentos literários. Democratização.

Contato: adrianaaguilar@ufam.edu.br

20/10/22 – 16h às 18h

Masala: a jornada de construção de um herói preto

Manuela Luiza de Souza (Graduanda)

RESUMO: A palavra herói deriva do grego hērōs, que faz alusão a uma figura ambivalente, que reúne características e/ou potencialidades, como: coragem, sabedoria e força física. De acordo com “[a] Jornada do herói” de Joseph Campbell, tal processo apresenta uma complexidade psicológica, social e étnica, que se configura em uma fraqueza, uma limitação, no personagem central da história. Nesse contexto, as Histórias em Quadrinhos (HQ) ou as Bandas Desenhadas (BD), por meio da criação literária, expressam os anseios pelas alturas da imaginação, o fazer ficcional e o papel do mito na construção de heróis em nossa sociedade. Conforme salienta Clyde W. Ford, o herói preto representa a luta pela liberdade, por justiça e por autonomia, em um contexto de supremacia branca, torna-se fundamental que heróis e heroínas em diáspora, possam referenciar os mitos e as lendas criados e proferidos por seus ancestrais. Assim, buscamos em nossa proposta analisar a hibridização em consonância com reciclagem na figura do herói tendo como norte a BD angolana, Masala, o leopardo: um passo para a liberdade (1989), de Lito Silva. Como zonas de fronteira apontamos aproximações em relação a conceitos de “Heroísmo” e “Identidade” segundo as perspectivas de Adichie, hooks, Hall, Ford e

Campbell, em diálogo com a remediação ressignificada de “Necropolítica” de Mbembe. Dessa maneira, propomos ponderar como a BD, a partir dos encontros e desencontros da representação do herói, tendo em vista seu período historiográfico de criação, e os elementos verbais e não verbais que compõem a história.

Palavras-chave: Herói preto. Banda Desenhada. Masala. O leopado.

Contato: manuela.souza@ufvjm.edu.br

Intermedialidades dialógicas: figurações da colonialidade em *Mortu nega*, de Flora Gomes, e *A última tragédia*, de Abdulai Sila

Camila Geovanna Alves da Silva (Graduanda)

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar comparativamente o livro *A última tragédia* (2006 [1995]), de Abdulai Sila, e o filme *Mortu nega* (1988), de Flora Gomes. Ambas as obras promovem uma representação do processo de independência da Guiné-Bissau em relação à dominação colonial portuguesa, e ensejam reflexões sobre as possibilidades representativas do sujeito colonial diante das consequências e dos efeitos decorrentes da colonização. Na simbiose alegórica que remete à tragédia colonial, as obras de Sila e Gomes interseccionam a criação estética à denúncia dos regimes políticos que se apropriam do processo de racialização para exercer a hierarquia de exploração dos corpos não brancos, esses também vítimas dos avanços do imperialismo epistêmico e cultural europeu. Assim, objetivamos propor uma análise de como, em *A última tragédia* e *Mortu nega*, as composições imagéticas, literárias ou audiovisuais, produzem sentidos que se ramificam e se inserem na problemática do discurso colonial, na denúncia da expansão europeia, e nas possibilidades (ou falta) dos códigos linguísticos acurados para englobar a memória da dominação, do trauma ou, enfim, da tragédia. Para tanto, embasamos nossa análise nas compreensões de Arenas (2019) e Brugioni (2019) acerca das expressões artísticas e das produções críticas e teóricas gestadas por pensadores da

África lusófona, bem como os trabalhos de Segato (2021) e Shohat e Stam (1994) sobre o enfoque moderno-colonial nas elaborações imagéticas do subalterno, almejando, por fim, a propor uma reflexão do diálogo entre elaboração estética, formas literárias ou cinematográficas, colonialidade e (pós-colonialismo).

Palavras-chave: Intermidialidades. Colonialidade. Independência guineense.

Contato: camila.alvessilva@ufpe.br

O testamento do Senhor Napumoceno: a palavra transcrita em imagem-movimento

Roberta M. F. Alves (Professora Universitária)

RESUMO: *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, de Germano Almeida (1989), é considerado um romance representativo da nova geração da literatura cabo-verdiana. A narrativa, banhada pela ironia, permite que o humor transborde de forma tão realista que beira a crueldade. Nesse texto é retratada a vida de um dos mais bem-sucedidos homens de negócios de S. Vicente, revelando intimidades, paixões, realizações e segredos, estabelecendo diálogos entre o cotidiano das pessoas comuns da ilha de São Vicente e passagens importantes da Historiografia cabo-verdiana entre os anos de 1940 e 1975. O enredo está calcado na condição humana, nos apetites e pecados humanos que são os mesmos desde priscas eras: ganância, luxúria, devassidão, traição, ciúme, amor, ódio. E com a sutileza de ser simples, percebemos ironicamente a complexidade de viver na simplicidade da vida. Esse enredo tão sensível, em 1997 foi “transportado” para o cinema com o título *O testamento do Sr. Napumoceno* (*Napumoceno’s Will*) uma co-produção multinacional (Cabo-Verde; Brasil; Portugal; França e Bélgica) realizada pelo diretor português Francisco Manso. Pretendemos a partir do romance de Germano Almeida e do filme do diretor Francisco Manso baseado na obra cabo-verdiana, realizar uma, análise comparativa entre dois sistemas semióticos distintos:

a literatura e o cinema. Para tanto examinaremos os processos de leitura cinematográfica utilizado pelo diretor português e as estratégias discursivas utilizadas pelo escritor cabo-verdiano, buscando articular os conceitos de tradução, adaptação, transcrição como operadores dessas produções.

Palavras-chave: Literatura Cabo-verdiana. Cinema. Tradução. Adaptação. Transcrição.

Contato: roberta.alves@ufvjm.edu.br

SIMPÓSIO 6 – A AUTORIA FEMININA NAS LITERATURAS AFRICANAS

**Coordenadoras: Profa. Dra. Helen Leonarda Abrantes (PUC Minas)
e Profa. Dra. Luciana Genevan da Silva Dias Ferreira (PUC Minas)**

19/10/22 – 16h às 18h

EMENTA: O simpósio pretende acolher e divulgar trabalhos que analisem produções de autoria feminina nas literaturas africanas de língua portuguesa, visando à construção do debate sobre visibilidade, reconhecimento e participação da mulher no processo de escrita literária em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Além disso, visa à (des)construção de como se lê e concebe, política e esteticamente, essas produções literárias, colaborando tanto para o enriquecimento dos debates no espaço acadêmico quanto para a formação dos professores da educação básica de ensino. Portanto, almeja-se com este simpósio uma movimentação do pensamento sobre as literaturas africanas em língua portuguesa escritas por mulheres que observe o enredamento, ou seja, os nós de literatura, cultura e história; além das crises vivenciadas nesses contextos discursivos da contemporaneidade. Para tanto, fontes teóricas que abrangem os estudos sobre a presença e a importância da mulher como sujeito da escrita no contexto literário colaboram com a reflexão que se pretende desenvolver aqui, como os estudos desenvolvidos por Constância Lima Duarte (2003), por Manuela Tavares (2011), e por bell hooks (2015), além de fundamentação sobre escritas de autoria de mulheres, elaboradas por Lúcia Castelo Branco (1991), por Judith Butler (2015), e por Luiza Lobo (2012), bem como abordagens sobre literaturas africanas de língua portuguesa desenvolvidas por Inocência Mata (2000), Maria Nazareth Soares Fonseca (2015), Terezinha Taborda Moreira (2005) e Laura Cavalcante Padilha (2004).

Lilia Momplé e as personagens femininas nos contos da obra *Ninguém Matou Suhura*

Patrícia Pinheiro- Menegon (Doutoranda)

Aldenora Márcia C. P. Carvalho

RESUMO: A escritora moçambicana Lilia Momplé é uma das principais autoras contemporâneas da Literatura Africana de língua portuguesa em Moçambique. Entre os seus mais diversos escritos está a obra *Ninguém matou Suhura* (1988), que retrata, em seus vários contos, as histórias de personagens fictícias, contudo, baseados em realidades e vivências aos quais seu país passou. Assim, pretendemos, no recorte deste trabalho, analisar como são construídas as personagens femininas negras, no que concerne ao elemento subalternidade-submissão presentes no texto literário. Nessa perspectiva, utilizaremos como corpus literário os contos da obra *Ninguém matou Suhura* (1988), de Lilia Momplé. Para embasar as reflexões aqui presentes, traremos contribuições teóricas de Duarte, (2012), Alós (2011), Mignolo (2003), Hutcheon (1991), entre outros. Metodologicamente, esta é uma pesquisa básica de natureza bibliográfica e qualitativa, cujo objetivo é analisar como as personagens mulheres são construídas na obra *Ninguém matou Suhura* (1988), de Lilia Momplé.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana. Personagens femininas. Lilia Momplé.

Contatos: patriciamenegon15@gmail.com; herabello@hotmail.com

**O olhar feminino sobre a tradição e oratura guineenses no conto
Aconteceu em Gã-Biafada, de Odete Semedo**

Glaucimara Alves da Costa Vieira (Doutoranda)

RESUMO: Pretende-se abordar nesta comunicação o papel da personagem principal Lamarana, do conto *Aconteceu em Gã-Biafada*, de Odete Semedo, e sua representação transgressora de uma tradição cultural que conferiu às mulheres, por muito tempo, apenas um lugar às tarefas domésticas, ao casamento e à família. A comunicação propõe ainda refletir sobre as escolhas estéticas e linguísticas da escritora Odete Semedo na hora de contar ou performar os fatos narrados que envolvem Lamarana na trama narrativa. A autora ressignifica uma tradição literária que, por muito tempo, foi contada apenas por homens. Para isso, a metodologia adotada seguiu uma abordagem qualitativa e bibliográfica, a partir das leituras de MOREIRA (2005), FONSECA (2004), AUGEL (2007), entre outros.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Literatura guineense. Tradição. Odete Semedo.

Contato: glaucimaracosta1@hotmail.com

***Deste lado, a outra margem do infinito / onde o crepúsculo saúda o
regresso: escrita e memória na poesia de Conceição Lima***

Adriane Figueira Batista (Doutoranda)

RESUMO: O espaço da escrita é sempre um espaço de/em transformação dos sujeitos e seus corpos. O discurso de uma imaginada universalidade dentro da literatura é o que se apresenta em termos acadêmicos e nos meios formais de órgãos voltados à disseminação e valorização da(s) cultura(s) sob uma perspectiva eurocêntrica. Quando pensamos uma obra, voltamos o olhar para o que está estabelecido como belo e edificante, baseado em critérios contestáveis de linguagem e alcance.

A produção intelectual de mulheres negras é o que há de mais marginal dentro dessa “escala de qualidade”. Na busca pelo desconhecido, a poesia se lança e a poeta ergue sua voz na dança inebriante das palavras lançadas no papel que são, para além de estética verbal, uma maneira de ser e estar no mundo. Busco, na obra *A dolorosa raiz do Micondó* (2012), de Conceição Lima, compreender e pensar a memória coletiva e o “resgate” das raízes. Afinal, como refletir a partir desses “novos” espaços de vivências e escritas experienciados por mulheres? Ou, para usar um termo de Edward Said, como pensar a partir dessas “geografias imaginárias”?

Palavras-chave: Escrita. Conceição Lima. Memória.

Contato: adrianefigueira@usp.br

20/10/22 – 16h às 18h

A Literatura Angolana no Feminino

Fineza Manuel Domingos (Graduanda)

RESUMO: O presente artigo visa refletir sobre o percurso da Literatura angolana produzida por mulheres, desde o processo de aceitação até ao seu consumo. A literatura angolana não difere das demais literaturas de expressão portuguesa quando o assunto é discriminação do género e a facilidade de divulgação das suas obras. Queremos com este artigo trazer ao público o tanto de esforços enveredados por estas escritoras a fim de ver as suas obras publicadas, como também, queremos aproveitar o momento para a divulgação de alguns nomes desconhecidos pelos leitores e estudiosos da literatura produzida por mulheres em Angola.

Palavras-chave: Literatura Angolana. Mulher e Percurso.

Contato: finezadomingos21@gmail.com

Poeta Alda Lara

Jaqueline da Silva Oliveira (Doutoranda)

RESUMO: Há um sistema literário no território angolano, todavia, uma produção de cunho nacionalista só pode ser identificada a partir do século XIX, tendo sua solidificação no final dos anos 40 com o aparecimento do movimento “Os novos intelectuais de Angola” e a edição do periódico Mensagem, porta voz de nomes como: Antonio Jacinto, Agostinho Neto, Viriato da Cruz, entre outros intelectuais como a poeta Alda Lara, motivo da apresentação desta comunicação que tem como objetivo demonstrar a importância dessa voz feminina no período de tamanha importância para a literatura angolana.

Palavras-chave: Alda Lara. Voz feminina. Literatura angolana.

Contato: olivjak115@gmail.com

Um polígono de seis pontos: erotismo e resistência em *Nikette*: uma história de poligamia

Érica Luciana de Souza Silva (Instituto Federal Fluminense)

Thomaz Heverton dos S. Pereira (SEC/BA)

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar o texto *Nikette*: uma história de poligamia (2001), da escritora Paulina Chiziane, sob a perspectiva do erotismo, enquanto construção social que outorga autonomia à mulher de Moçambique, a qual vive em uma sociedade essencialmente patriarcal, especialmente nas regiões em que houve a presença do colonizador. O objetivo principal deste empreendimento é observar como a autora citada constrói uma narrativa erótica e, através dela, desperta reflexões sobre a criação de estratégias que concebiam independência econômica e sentimental às mulheres personagens. Alguns dos objetivos específicos pretendidos se referem, primeiramente, à análise da linguagem utilizada por Chiziane em seus romances, a qual traz para o centro dos

romances aquelas que, quase sempre, possuem suas vozes silenciadas quando o assunto é igualdade de gênero. Um segundo objetivo específico seria o de observar, ainda, como a autora afronta o cânone literário em seu país, além de problematizar o fato de Paulina Chiziane ser uma das principais romancistas moçambicanas publicadas no exterior, lançando o questionamento se os não africanos querem ouvir a voz da mulher em Moçambique ou se estão apenas à procura de uma narrativa vendável? O método de pesquisa empregado é o bibliográfico, concentrando-se na leitura do romance e em teóricos como Édouard Glissant, com a obra *Introdução a uma poética da diversidade* (2005); Bibi Bakare Yusuf, “Além do determinismo: a fenomenologia da existência feminina africana” (2003); Yolanda Siteo, *Tudo em nome da tradição: Mulher e lei na África Austral – Moçambique* (2009); Laura Cavalcante Padilha, “Sobre mulheres, cânones, silêncios e enfrentamentos”. *Revista Diadorim*, vol. 11, junho de 2012. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.35520/diadorim.2012.v11n0a3965>.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Narrativa erótica. Igualdade de gênero.

Contato: ericavascoprof@gmail.com

Faz da tua dor um Poema: a obra literária de Vera Duarte

Maria do Carmo Pinheiro Silva Cardoso Mendes (Professora
Universitária)

RESUMO: Numa conferência realizada em 1 de fevereiro de 2022, a escritora cabo-verdiana Vera Duarte confessou o seu fascínio pela expressão do alemão Johann Goethe: “Faz da tua dor um poema”. Esta afirmação corresponde a temas privilegiados da obra literária de uma das mais reconhecidas escritoras cabo-verdianas contemporâneas. Assim, a comunicação tem como propósitos: 1. Identificar nos 55 microcontos de “Desassossegos & Acalantos” (2021), o modo como a escrita representa uma catarse de emoções perturbadoras de mágoa e de inquietação ante acontecimentos humanos; 2. Reconhecer o valor que a escritora concede à musicalidade: do arquipélago cabo-verdiano em geral e das vozes femininas

em particular; 3. Evidenciar, em poemas de Vera Duarte, o significado das relações literárias e culturais entre Cabo Verde e o Brasil; 4. Pôr em evidência os temas cruciais da ficção e da poesia da escritora cabo-verdiana - a luta contra o racismo, a denúncia do machismo; a reivindicação do papel da mulher na sociedade - e demonstrar que o elenco temático de Vera Duarte tem um lugar preponderante no panorama contemporâneo das literaturas africanas em língua portuguesa.

Palavras-chave: Vera Duarte. Vozes femininas. Mulher e sociedade.

Contato: mcpinheiro@elach.uminho.pt

21/10/22 – 16h às 18h

O papel da boa esposa em *Niketche*, uma história de poligamia, de Paulina Chiziane

Francisca Patrícia Pompeu Brasil (Doutoranda)

RESUMO: Em nossa pesquisa, analisaremos questionamentos apresentados no romance *Niketche*, uma história de poligamia, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, sobre a imagem da boa esposa. Daremos destaque à forma como a personagem protagonista olha para o seu próprio corpo, e como esse olhar é influenciado por práticas sociais e culturais do local onde vive. Nosso principal propósito é destacar a maneira como as vozes de resistência femininas se comportam diante dos padrões impostos pelos discursos ocidentais, identificando como essas vozes revelam pontos de vista e valores e quais estratégias são utilizadas para confrontar os discursos de poder. Para isso, faremos uma abordagem comparativa entre o romance *Niketche* e o conto de fadas “Branca de Neve”, dos Irmãos Grimm - uma vez que se reconhece o diálogo entre essas duas obras. Vale destacar que, ao abordarmos, em nosso trabalho, as estratégias de silenciamento feminino, o nosso objetivo é despertar reflexões sobre as estratégias de resistência, apresentadas pelas vozes enunciativas do romance analisado. Utilizaremos,

como fundamentação teórica, as seguintes fontes: *A Dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu (2005), *A Criação do Patriarcado*, de Gerda Lerner (2019), *Literatura e Resistência*, de Alfredo Bosi (2002). Em relação à construção dos mitos de feminilidade e à idealização da mulher a partir da lógica ocidental, serão consultadas as obras *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, de Bruno Bethelleim (2001), *A Invenção das mulheres*, de Oyèrónké Oyewùmí (2021), e *O Mito da Beleza*, de Naomi Wolf (2021).

Palavras-chave: Casamento. Eurocentrismo. Ficções de feminilidade. Resistência.

Contato: pbrasilpompeu@gmail.com

As vozes das mulheres moçambicanas por Paulina Chiziane e Mia Couto

Alice Brasil Cavache (Graduanda)

RESUMO: É comum encontrarmos na literatura africana, autores assumindo uma voz feminina. Durante muito tempo, autores tomaram esse papel, por conta da falta de mulheres escritoras, ou até mesmo, pela falta de reconhecimento delas. Entretanto, atualmente, muitas mulheres têm resgatado essa responsabilidade para si. A necessidade de se ver representada, ouvida ou defender o seu ponto de vista, faz com que escritoras, como por exemplo, Paulina Chiziane busquem mostrar ao mundo como a mulher de fato se sente com situações culturais e sociais de seu país, no caso dela, Moçambique. Pretendemos com esse trabalho analisar a representação da mulher moçambicana na obra de dois autores do país: Mia Couto - um homem branco-, e Paulina Chiziane- uma mulher negra. Fazer o comparativo entre como um homem assume a voz de uma mulher, e quando a mesma usa essa voz. Veremos como tal discussão nos auxilia a perceber como a mulher moçambicana é representada dentro de três contos: “O cesto”, “A saia amarrotada” e “O olhar dos mortos”, do livro: *O fio das Missangas* (2009), de Mia Couto e *Niketche: uma história*

de poligamia (2021), de Paulina Chiziane. Assim, faremos um comparativo entre dois autores moçambicanos e analisaremos a forma como cada um assumiu o papel da mulher, ressaltando os traços marcantes de cada obra.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Literatura africana. Voz feminina.

Contato: alicecavachebr@gmail.com

Escrita e condição feminina no conto “MUTOLA, a ungida”, de Paulina Chiziane

Marcos Antônio Fernandes dos Santos (Doutorando)

RESUMO: As literaturas africanas de expressão portuguesa são produções relativamente recentes, e os primeiros indícios de tais manifestações datam da metade do século passado, decorrentes de um processo histórico e de descolonização. O pós-independência de muitos países africanos, apesar das dificuldades a serem ainda enfrentadas, trouxe possibilidades de renovação e expressão cultural, artística e ideológicas para o povo africano. A produção literária, por exemplo, encontrou um terreno aberto ao engajamento, à expressão da identidade, ao desejo do africano de falar e de poder ser ouvido, de poder contar a sua própria história, de dizer a partir da perspectiva interna. Nesse contexto, encontra-se a produção da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que não apenas explora a identidade de seu povo, mas de forma mais específica, expõe a perspectiva da mulher de Moçambique através de um olhar interno e sensível, apresentando ao outro seus lugares e modos de existência diante de uma sociedade marcada pelo patriarcado e pela violência, inclusive de gênero. O objetivo da comunicação é analisar a condição feminina por meio do conto “MUTOLA, a ungida”, presente no livro *As andorinhas* (2016), obra composta por três contos que narram sobre a história, a memória e a existência africana. A metodologia utilizada para a construção do trabalho tem abordagem qualitativa e quanto aos procedimentos, é bibliográfica. Consiste numa análise teórico-crítica sobre o texto em questão da escritora,

e para tanto, o suporte teórico é construído através da contribuição de teóricas como Djamila Ribeiro, Bell Hooks, Simone de Beauvoir, Inocência Mata, entre outras.

Palavras-chave: Escrita e condição feminina. Paulina Chiziane. Moçambique.

Contato: marcosantos@professor.uema.br

Paulina Chiziane e (a visibilidade d') o Prémio Camões

Andreia Oliveira (Investigadora Doutorada)

RESUMO: Distinguida com o Prémio Camões em 2021, Paulina Chiziane tornou-se desta forma a primeira escritora negra a vencer este galardão que pretende estreitar os laços culturais entre os vários países que constituem a chamada lusofonia, tendo em vista o enriquecimento do património literário e cultural da língua portuguesa. Mais do que o valor pecuniário e o prestígio, esta distinção é veículo de difusão da obra da autora moçambicana, cujas temáticas e aspetos abordados constituem chamadas de atenção relevantes nos âmbitos social e cultural do país e muito particularmente no que diz respeito à condição feminina. Para além de refletir sobre questões associadas à instituição literária, à premiação e às suas consequências, esta comunicação visa abordar temas-chave do conjunto da obra da romancista, destacando a sua importância e a sua voz no panorama literário moçambicano e articulando-a com as possibilidades de visibilidade que o Prémio Camões lhe traz enquanto escritora e a forma como se estende ao coletivo e ao país (o povo moçambicano e Moçambique retratados nos diferentes romances).

Palavras-chave: Prémio Camões. Paulina Chiziane. Literatura moçambicana.

Contato: andreia.oliveira17@gmail.com

SIMPÓSIO 7 - COLONIALIDADE, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA

**Coordenadores: Prof. Dr. Bernardo Nascimento de Amorim (UFOP)
e Prof. Dr. Vércio Gonçalves Conceição (UFOP)**

19/10/22 – 16h às 18h

EMENTA: A ideia de colonialidade do poder, tal como estabelecida pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano e desenvolvida por outros intelectuais latino-americanos e caribenhos (Walter Mignolo, Ramón Grosfoguel, Nelson Maldonado-Torres), parece-nos produtiva para pensar as tensões que marcam a história e a literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa, onde as consequências nefastas de certas estruturas relacionadas à ocidentalização do mundo são bastante evidentes. Antes de tal ideia surgir com esse nome, autores como Frantz Fanon já chamavam a atenção para a violência característica do “mundo colonial”, “mundo hostil”, “que esmaga com suas pedras os lombos esfolados pelo chicote”. O mesmo autor, entretanto, falava da resposta ao poder em questão, tratando da descolonização como anseio e prática, no âmbito da qual se tornaria possível o surgimento de “homens novos”: “A descolonização [...] atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser [...]. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos”. Da parte dos intelectuais africanos de língua portuguesa, Amílcar Cabral é outro autor que revelava compreensão aguda sobre o desafio a vencer, precisando o seu inimigo e vislumbrando um caminho a seguir: “[...] no seu significado mais profundo, a libertação nacional é um processo revolucionário, que implica uma derrubada completa do domínio imperialista e das suas formas coloniais e neocoloniais. Isso implica [...] a tentativa de destruir a estrutura capitalista, sobre a qual se baseia a exploração dos operários e camponeses, para substituí-la pelo socialismo”. Neste simpósio, é nosso interesse acolher propostas de trabalho que façam uso de referenciais como os acima apontados, latino-americanos, caribenhos, africanos ou de outras procedências, para a investigação de projetos e formas próprias das literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-

Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, em seu processo de elaborar alternativas de resistência a uma modernidade/colonialidade que, violenta e sistematicamente, não lhes favorece.

Paisagens da infância em Moçambique: uma leitura das personagens infantis em contos de Mia Couto

Cristina Arena Forli (Pesquisadora Independente)

RESUMO: A temática da infância, mais especificamente a abordagem de personagens infantis, é um recurso amplamente utilizado por escritores das literaturas africanas em língua portuguesa como uma forma, entre tantas outras, de refletir sobre o passado nacional e seus resquícios no presente. Luís Bernardo Honwana, Manuel Rui, José Luandino Vieira, Ondjaki, João Paulo Borges Coelho e Mia Couto são apenas alguns dos nomes que incluem em suas obras essa abordagem. Para este trabalho, volta-se o olhar para a coletânea *A menina sem palavra*, de Mia Couto, que reúne dezessete contos publicados anteriormente em outros títulos do autor moçambicano. Nessa coletânea, o que se observa são paisagens de infâncias marcadas por diferentes formas de violência, de modo a revelar a complexidade de um passado que ainda se faz presente. Nesse sentido, a proposta deste trabalho é realizar uma análise das personagens infantis de alguns contos da antologia *A menina sem palavra*, buscando explicitar a relação entre a existência presente dessas personagens com o passado moçambicano. Para tanto, serão utilizadas reflexões teórico-críticas de autores como Maria da Glória Bordini, Laura Cavalcante Padilha, Edward Said, Homi Bhabha, entre outros.

Palavras-chave: Mia Couto. *A menina sem palavra*. Personagens infantis.

Contato: crisforli@gmail.com

A representatividade da criança no conto “O embondeiro que sonhava pássaros”

Brenda Mayara Félix Borges (Graduanda)

RESUMO: O presente trabalho consiste no estudo do conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, do escritor moçambicano Mia Couto, publicado em *A menina sem palavra*. O conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, apresenta um homem negro, vendedor de pássaros e, mesmo sendo desconhecido, acaba conquistando as crianças daquela região com o agito das aves e a linda melodia que entoava para os pequenos. O principal problema que cercava o vendedor de pássaros eram os pais das crianças, que repetidamente faziam críticas e o repudiavam. Podemos perceber a dicotomia do colonizador versus colonizados, representados por meio de seus personagens, e o racismo existente em Moçambique, como se o passarinho estivesse de fato invadindo aquele local. No conto é perceptível o valor que a criança representa dentro da trama narrativa em contraponto ao papel do vendedor de pássaros que acabou conquistando um papel único, jamais visto antes.

Palavras-chave: Criança. Conto. Mia Couto.

Contato: brenda.mayara@discente.ufma.br

A filha da solidão: algumas coisas acontecem sem que você perceba

Caliane Portelada da Silva (Graduanda)

RESUMO: O presente trabalho é constituído de uma análise feita a partir da leitura do conto “A filha da solidão”, que está presente no livro de Mia Couto, intitulado *A menina sem palavra*, publicado em 2013. Interessamos, portanto, no referido conto, as questões raciais, assunto que retorna várias vezes no decorrer do livro. Através do personagem Pacheco, pai de Meninita, que reside em uma região isolada, despreza veementemente

peessoas pretas e incentiva sua filha a fazer o mesmo. O desfecho da história se constrói a partir da premissa do desprezo que o pai da Meninita demonstra, explicitamente ligado ao acontecimento que se deu com sua filha dentro de seu próprio lar.

Palavras-chave: Solidão. Desprezo. Racismo. Súbito.

Contato: caliane.portelada@discente.ufma.br

Narrativa e trauma em *Vinte e Zinco*, de Mia Couto

Nathaly Ohanna Freitas da Silva (Mestranda)

RESUMO: *Vinte e Zinco*, do escritor moçambicano, Mia Couto (1999), encena as experiências traumáticas do período colonial vivenciadas pelas personagens da obra. Por meio de conceitos como perda e ausência; melancolia e luto; encenação e elaboração, pretende-se evidenciar a polifonia de vozes que permeia a obra, a ligação entre o discurso histórico e o discurso ficcional, e ainda, destacar a heterogeneidade na construção identitária dos sujeitos ficcionais, que reivindicam seu lugar de fala, seu modo de narrar e de lidar com os traumas causados pela violência do processo colonial.

Palavras-chave: Narrativa. Trauma. Processo colonial. Moçambique. História. Memória.

Contato: nathaly22ohanna@gmail.com

Vozes femininas que resistem ao colonialismo e silenciamentos em *A confissão da leoa*, de Mia Couto

Macksa Raquel Gomes Soares (Doutoranda)

RESUMO: A Literatura Africana de Língua Portuguesa, especialmente demarcada neste estudo, igualmente nos permite novos olhares e saberes acerca desses países africanos, visto que emprestam múltiplas construções e interpretações históricas que recriam através da palavra a visão no que

concerne ao continente africano culturalmente difundido, em sua maioria, como um espaço marcado pelo viés violento, da fome e do exotismo. Nesse tear de ruptura, os estudos pós-coloniais surgem como uma das maneiras de repensar as estruturas que violentam historicamente os povos colonizados sinalados por diversas opressões e negações de direitos. Pensar uma literatura pós-colonial é compreender uma escrita que insurge na contramão da colonialidade, do patriarcalismo e tradições que silenciam e demarcam politicamente esses corpos. Partindo desses pressupostos, este trabalho ancorado na obra *A Confissão da Leoa*, (2012), de Mia Couto, objetiva discutir acerca das marcas opressivas do colonialismo e como isto reverbera nas vivências das personagens femininas representados nas personagens Mariamar Mpepe e Hanifa Assulua que insurgem na obra com discussões sobre as violências históricas que marcam os países africanos de Língua Portuguesa e os atravessamentos desses corpos negros através da história e da literatura. Neste sentido, algumas teorias são importantes para pensarmos o texto literário como ferramenta para elaboração de análises mais aprofundadas sobre o tecido literário, dentre estes, Nelson Maldonado-Torres (2020), Aníbal Quijano (2011), Walter D. Mignolo (2016), María Lugones (2014) e outras/ os que nos ajudam a dialogar com a escrita do Mia Couto.

Palavras-chave: Literatura Africana de Língua Portuguesa. Colonialismo. Poder feminino. Resistências.

Contato: macksasoares32@gmail.com

20/10/22 – 16h às 18h

Isaura e as faces da violência em *Nós matamos o Cão Tinhoso*, de Luís Bernardo Honwana

Yago Viegas da Silva (Mestrando)

RESUMO: “Nós matamos o Cão Tinhoso” é um conto de Luís Bernardo Honwana, autor moçambicano, publicado em 1964. Nesse conto,

Honwana constrói uma narrativa permeada de inocência, conflitos internos e coletivos, violência e infância. A narrativa se passa em uma aldeia numa localidade rural de Moçambique e tudo o que nela acontece culmina em um elemento simbólico negativo: um cachorro rabugento (Cão Tinhoso), doente e bastante fedorento, que nada consegue fazer além de causar náuseas e despertar o asco dos que o veem. A narrativa ganha força quando o Cão Tinhoso é condenado à morte, embora a personagem Isaura, uma menina que sofre exclusão e preconceitos diversos, seja a maior vítima da violência que se coloca. O objetivo deste trabalho é, pois, analisar a trajetória da personagem Isaura e os tipos de violência sofridas por ela, dentre as quais destacam-se a institucional e a de gênero, de modo que esta personagem personifica o povo colonizado subjugado e ela, por ser mulher, tem sua situação agravada. Para este trabalho, foram utilizadas as reflexões de Connel em seu “Políticas da Masculinidade” (1995) e Infantes e Delgado em “El significado de la masculinidad para el análisis social” (2011), que contribuem para a percepção da naturalização da violência contra a menina que, na verdade, é a única a agir com compaixão e misericórdia diante do animal moribundo que dá nome ao conto.

Palavras-chave: Violência de gênero. Preconceito. Análise social.

Contato: viegasblack@gmail.com

Dilemas do colonizado na obra *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane

Déborah Alves Miranda (Doutoranda)

RESUMO: Diante do histórico de colonização acontecido em Moçambique, assim como em tantos outros países em África e América do Sul, o país sofreu os mais terríveis ataques advindos de Portugal, que fez do território moçambicano sua colônia até os anos de 1975. Entre anos e anos de guerra, uma parte do povo moçambicano lutou para que sua história, sua cultura e suas tradições não fossem dizimadas pelo colonizador. As

estórias sobre o povo e seus costumes perpassaram gerações através da literatura oral, tornando-se registro escrito em obras literárias que faziam ecoar essas estórias. Paulina Chiziane, como contadora de estórias, se torna um expoente da literatura moçambicana, quando eterniza em sua escrita os saberes e a história de seu povo, removendo tais saberes do esquecimento. Com sua atuação emergente, Paulina é considerada uma das primeiras mulheres moçambicanas a publicar um romance, marcação que a autora rejeita, pois se vê apenas como contadora de estórias, se distanciando assim das marcações ocidentais para seu fazer literário e sua escrita, que conta com diversas obras publicadas, dentre elas, *O alegre canto da perdiz* (2008). Diante disso, este trabalho tem como principal objetivo discutir os conflitos entre colonizado e colonizador na obra *O alegre canto da Perdiz* (2008), da autora Paulina Chiziane, atentando para as especificidades sócio-históricas do contexto moçambicano. A fim de alcançar nosso objetivo, utilizaremos os estudos anteriormente realizados por Mignolo (2017); Maldonado - Torres (2019); Hudson-Weems (2018); Ebunoluwa (2009); Devulsky (2021), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Decolonialidade. Mulherismo.

Contato: deborah.alves79@gmail.com

Fique quieto, mas diga o que você compreendeu: inscrições decoloniais da infância na novela *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui

Teresa Beatriz Azambuya Cibotari (Doutoranda)

RESUMO: A África descolonizada é espaço para a presença de múltiplas vozes e enunciações; dentre elas, a voz infantil. Este estudo concentra-se na análise da novela “Quem me dera ser onda”, do autor angolano Manuel Rui, inserindo-a num conjunto de narrativas da infância, pertencentes à ficção adulta angolana, que alçam as crianças a uma posição de protagonismo. A orquestração das vozes dos sujeitos infantis constitui-

se como um discurso decolonial, que procura se descolar dos modelos coloniais, instaurando novas possibilidades de futuro e de nação, e, ao mesmo tempo, propõe um discurso decolonial, na medida em que, pela voz das crianças, evidencia-se a revolução dentro da revolução e critica-se o fato de que essa nova sociedade liberta replica o sistema colonial, neoliberal e violento. O trabalho tem como base os princípios teóricos relacionados à enunciação (BAKTHIN, 2011); descolonização (MBEMBE, 2019); decolonialidade (MIGNOLO, 2007), além de apresentar dados sobre a realidade escolar angolana atual (SACCO; FERREIRA e KOLLER, 2016). Conclui-se que as narrativas da infância constituem-se como um importante recurso das literaturas africanas para a produção do discurso identitário que se propõe a fundamentar a construção de uma nova África, porque, embora sejam ficções produzidas por adultos, incorporam em sua trama a visão de um grupo silenciado de diversas formas, sendo espaço e abertura para outras perspectivas.

Palavras-chave: Manuel Rui. Narrativas de infância. Discurso decolonial.

Contato: teresabam@gmail.com

A Vida Verdadeira de Domingos Xavier: literatura e identidade nacional angolana

Fernanda Moreira Justo (Mestranda)

RESUMO: Este trabalho se propôs a refletir a respeito do romance *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1974), de Luandino Vieira, a fim de constatar sua potencialidade de construção de uma identidade nacional angolana no período de guerra de independência. Vivamente entrelaçado ao período anticolonialista que moveu Angola de 1961 a 1975, o autor faz de sua obra instrumento de denúncia e conscientização da necessidade de libertação do seu país. A partir de sua escritura, as questões sociais, culturais, econômicas e políticas dos angolanos são evidenciadas e, conseqüentemente,

o importante papel da literatura no país, sobretudo da obra em questão, contra a desalienação e a favor da construção da consciência nacional necessária para fortalecer o movimento anticolonialista. Tomou-se como base os estudos de Manuel Ferreira, Rita Chaves, Tânia Macedo, Carlos Everdosa e Pires Laranjeira sobre literatura angolana, a fim de nortear a análise do livro.

Palavras-chave: Luandino Vieira. Literatura. Identidade nacional. Angola.

Contato: justofernanda1@gmail.com

De Rios Velhos e Guerrilheiros: sonho nosso era de uma onça ferida, perseguindo teimosamente seu trilho de muitos séculos, por matas e morros demarcados a sangue e luta

Jacqueline Kaczorowski (Doutoranda)

RESUMO: José Luandino Vieira é autor cuja obra é atravessada pela violência desde o início de sua produção. Se nunca deixou de ser aspecto temático presente, sua representação passou a receber contornos mais complexos com o desenvolvimento de uma linguagem que busca servir à necessidade expressiva da matéria de que trata, apresentando-a por meio de uma estética poética e elíptica capaz de inscrever o conflito social amplo de determinado contexto desde o íntimo da constituição das personagens. Assim, em *De Rios Velhos e Guerrilheiros*, é possível encontrar formas de humanização que aprofundam a compreensão de tensões e contradições. Abertamente anticolonial, a obra não se priva de alertar também ao “sangue doméstico” (2006, p. 46) legado por um contexto que deixa marcas de longa duração no destino do país. Se não é viável restaurar uma suposta harmonia anterior à invasão colonial, a solução formal que entrelaça diversas matrizes de pensamento e expressão realiza esteticamente o salto dialético de recuperação do passado rumo ao futuro, sugerindo que renovar tradições e linguagens pode ser maneira arrojada e propositiva de lidar com

heranças violentas. Ao revisitar o passado é proposta também a crítica do presente e sua reinvenção em direção ao futuro, uma vez que o diálogo que a ficção estabelece com a História ilumina seu caráter de construção em disputa, convidando ao entendimento dos processos históricos como fruto de ações humanas e, portanto, abertos a possibilidades de transformação.

Palavras-chave: Literatura angolana. José Luandino Vieira. Anticolonialismo

Contato: jacqueline.k@usp.br

21/10/22 – 16h às 18h

O discurso da mestiçagem em Cabo Verde: uma abordagem a partir da literatura do grupo Claridade (1936-1960)

Igor Santos Carneiro (Graduando)

RESUMO: A Claridade foi uma revista literária fundada em 1936 no arquipélago africano de Cabo Verde, naquele contexto colônia portuguesa. Os intelectuais criadores do veículo estavam interessados em trazer à tona a caboverdianidade, devido a isso, produziram uma literatura e ensaios científicos que buscavam valorizar uma possível forma de ser nativo. De fato, a literatura produzida pelo grupo ajudou a consolidar a ideia de identidade mestiça ainda presente no país atualmente. Porém, é importante ressaltar que o império luso também foi um grande propagador do discurso em defesa da mestiçagem, inclusive utilizou os argumentos do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. É sempre importante lembrar, na trilha de Stuart Hall (2016), que as identidades nada possuem de natural, pois são produtos das narrativas. Além disso, segundo Inocência Mata (2014), as literaturas africanas estão estreitamente ligadas à consolidação das identidades nacionais em África.

Palavras-chave: Grupo Claridade. Literatura africana. Identidades nacionais.

Contato: igorsantosuema@gmail.com

Cosmopoética insular e de [r]existência: uma leitura ecofeminista m O lugar das ilhas, de Sónia Sultuane

Joranaide Alves Ramos (Doutoranda)

Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPE)

RESUMO: O Ecofeminismo é uma vertente teórica e prática fundamentada por movimentos ecológicos e feministas que opõem-se ao controle exercido sobre natureza mais-que-humana e mulheres, relacionando-os, ao tempo que destaca a importância de relações equânimes entre os seres vivos. Pensando sobre isso, selecionamos “Nau desencantada” e “Na casa onde moro”, poemas de *O lugar das ilhas* (2021), de Sónia Sultuane, com o objetivo de analisar as relações entre terra e mulheres africanas, facilitadas por suas capacidades de gerar vidas, bem como pelas opressões a que são submetidas; partindo da aproximação entre dois lugares de [r]existência: território e corpo. Para tanto, desenvolvemos um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, a partir de contribuições teóricas e críticas de Secco (2020; 2014), Guattari, (2013); Mies e Shiva (1993); Brandão (2020; 2003), entre outros. A obra selecionada está fundamentada por memórias e filosofias africanas que reconhecem a importância das mulheres e da terra para a manutenção dos ecossistemas. Por esses motivos, entendemos terra e corpos de mulheres como lugares de [r]existências, bem como a poesia de Sónia Sultuane e o Ecofeminismo o são.

Palavras-chave: Ecofeminismo. O lugar das Ilhas. Sónia Sultuane. Território.

Contato: joranaide.alvesramos@gmail.com

As orações de Mansata: Amambarka e as formulações de poder na obra de Abdulai Sila

Altair Sofientini Ciecowski (Doutorando)

RESUMO: Pretende-se, com esta pesquisa, fazer uma abordagem sobre as representações das relações de poder que se estabelecem na teia ficcional da obra teatral “As orações de Mansata” (2007), do escritor Guineense Abdulai Sila. A peça, considerada como uma adaptação de “Macbeth” à realidade africana, foi a primeira expressão artística teatral da Guiné-Bissau a ser escrita e cuja ação decorre no período pós-colonial, ademais, constitui-se como uma das primeiras peças pós-independência em toda a África. Os seis atos que compõem a peça teatral de Sila são nomeados com expressões muito peculiares que, amiúde, remetem para as conflitantes relações de poder que perpassam toda a obra: do “poder blufo” (não iniciado), até o “poder índice”, passando pelo “poder fantoche”, o que se vislumbra é uma ambiciosa e desenfreada busca pelo controle em um cenário que descortina conflitos, desordens e violência. Com fulcro em Amambarka, personagem protagonista da peça, investigaremos postulações representativas de estruturas de poder e rivalidades, estabelecidas entre os ministros, que tinham a obrigação de serem conselheiros nos mais irônicos e inusitados assuntos e Mwankeh, o supremo chefe da nação, que se vê, constantemente, atormentado pela possibilidade de estar sendo traído. Face a essas narrativas presentes na obra teatral, acedemos à ideia, por intermédio de recortes historiográficos, de possíveis evidências de diálogos com o período pós-colonial vivido na sociedade guineense. Segundo a análise que propomos a fazer, a trama, enquanto matéria ficcional, constitui-se como auspicioso cenário para discutir e problematizar essas formulações de poder no âmbito da nação africana.

Palavras-chave: Formulações de poder. Abdulai Sila. África.

Contato: altairsofientini237@gmail.com

A dupla subalternidade em questão: Uma leitura de Abdulai Sila

Raissa Moraes de Aguiar (Mestranda)

RESUMO: O presente trabalho pretende discutir proposições incipientes acerca da dupla subalternidade na obra *A última tragédia*, de Abdulai Sila. A prosa de Sila está inscrita nas literaturas pós-coloniais e é uma referência contra o discurso hegemônico que ainda predominava na sociedade da pequena Guiné Bissau. O referido autor produz uma narrativa que está em constante choque do ponto de vista cultural, identitário, de gênero e social. A partir dessa tensão problemática, ele constrói e reconstrói a vida de personagens como um microcosmo daquele povo em um constante entrelugar. Para tanto, serão utilizados alguns conceitos desenvolvidos nos estudos pós-coloniais, psicanalíticos e alguns cruzamentos com teóricos da literatura. Na fundamentação do trabalho, estão algumas referências como Augel (2007) em sua contribuição grandiosa para o arcabouço literário guineense. Fanon (2008) no que diz respeito aos seus estudos sobre as estruturas sociais do racismo e seus reflexos no sujeito. Hooks (2016), vai analisar o fetiche que os brancos possuem por pessoas cuja tonalidade da pele seja diferente. A aparente atração está relacionada com o primitivo, com a sua identidade e a urgência de definir quem é sujeito e objeto. Kilomba (2019) problematizando o racismo como uma experiência cotidiana que afeta dramaticamente o sujeito. Spivak (2010) buscando compreender a dupla subalternidade da mulher em contexto colonial. A investigação se assenta nos seguintes pilares: trauma da colonização; a formação da literatura local; a narrativa como instrumentos de testemunho e resistência; e a condição subalterna da mulher em contexto colonial.

Palavras-chave: Subalternidade. Colonialismo. Trauma.

Contato: raissaaguiar@id.uff.br

A domesticidade e as agências femininas em *A última tragédia*, de Abdulai Sila

Joyce Brito dos Santos (Graduanda)

RESUMO: Nesta pesquisa, financiada pela FAPESP (processo nº 2020/12594-6) e sob orientação da Prof.^a Dr.^a Elena Brugioni, o conceito da domesticidade é revisitado e centralizado para analisar a personagem Ndani, em *A Última Tragédia* (SILA, 2011). A hipótese de leitura é de que há reestruturações da domesticidade e, simultaneamente, agências femininas. Justifica-se esse enfoque feminino devido ao fato de que, em contextos coloniais, as mulheres corporificaram vivências distintas tanto em relação aos homens, quanto entre si. Isso se deve à realidade multifacetada da violência colonial. Nessa perspectiva, busca-se averiguar também como, por meio de seu corpo ficcionalizado, a personagem apresenta a desestabilização do poder colonial e patriarcal, na representação de um contexto ainda colonial na Guiné-Bissau. Tal análise proporciona itinerâncias de reflexão teórica e analítica que se situam numa intersecção crítica e disciplinar entre estudos de gênero e teoria pós-colonial.

Palavras-chave: Agências femininas. Literatura da Guiné-Bissau. Domesticidade.

Contato: j219136@dac.unicamp.br

SIMPÓSIO 8 – MEMÓRIA E TESTEMUNHO

Coordenadora: Dra. Roberta Guimarães Franco (UFMG)

19/10/22 – 16h às 18h

EMENTA: As literaturas africanas de língua portuguesa assumiram um significativo papel nos processos sócio-históricos de resistência ao colonialismo e consolidação das independências. Diante dos discursos produzidos pela perspectiva eurocêntrica que tentavam justificar a manutenção da lógica colonial em pleno século XX, a exemplo da produção da “literatura colonial” estimulada pelo Estado Novo português, as literaturas africanas de língua portuguesa construíram um outro espaço de memória e testemunho. A cena literária trouxe reflexões críticas sobre as dinâmicas e as relações nos espaços coloniais, explicitando as variadas formas de violência e as resistências possíveis. Da luta pelas independências aos enfrentamentos vivenciados pelas novas nações, as literaturas permanecem desempenhando o que poderíamos chamar de um lugar memorialístico, coletivo e individual, revisitando personagens e episódios do passado, distante ou recente, problematizando os desafios da contemporaneidade, produzindo novos testemunhos acerca das experiências e dos traumas de um corpo nacional, coletivo e também de perspectivas subjetivas. Portanto, este simpósio pretende reunir trabalhos que se dediquem, a partir de uma metodologia transdisciplinar, dos estudos da memória e das teorias sobre a literatura de/como testemunho, à leitura e análise das literaturas africanas de língua portuguesa, desde a sua formação às suas expressões mais atuais, bem como aos seus diálogos com outros objetos culturais.

Expectativa, Negligência e Resistência nas Memórias e Testemunhos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa

Rosemary Conceição dos Santos (Professora Universitária)

RESUMO: O objetivo deste trabalho, sob a perspectiva dos estudos comparados de literatura, é verificar quais motivos orientam as temáticas

memória e testemunho configurarem-se como elementos caracterizadores das literaturas africanas de língua portuguesa na contemporaneidade. Adotando os conceitos “lugares de memória”, cunhado por Pierre Nora em 1984, e “Imagens mentais e proposições”, como apresentado por Robert e Karin Sternberg, em 2017, analisa representações mentais do conhecimento na forma de imagens e palavras de um corpus de autores, identificando o que nelas há de expectativa, negligência e resistência ao papel da reserva de memórias na literatura e seus porquês.

Palavras-chave: Memória. Testemunho. Imagens Mentais. Proposições. Reserva de Memórias.

Contato: cienciausp@usp.br

Feridas de Guerra em *Estórias Abensonhadas*, de Mia Couto

Raul Pereira Pinto Neto (Graduando)

RESUMO: Esta discussão propõe-se a identificar elementos relacionados à noção de trauma presentes no livro *Estórias Abensonhadas* (1994), do escritor moçambicano Mia Couto. Para tanto, essa análise irá se ancorar na associação entre a noção de trauma e a releitura crítica da história como ruína e da realidade como catástrofe, sugerida por Moreira (2018). Ademais, intenta-se identificar aspectos do testemunho na narrativa como forma de apresentação do narrador em contextos trágicos, como se vê em Pereira e Eslava (2008). Será preciso, também, discutir brevemente a ocorrência da noção de trauma na psicanálise. Através da expressão “feridas de guerra”, presente no conto “O Cego Estrelinho”, e do estudo do conto “Guerra dos palhaços”, é analisada a construção da escrita miacoutiana como marcada pela violência e pela catástrofe decorrentes do contexto trágico histórico-social moçambicano, resultado de inúmeras guerras.

Palavras-chave: Feridas de Guerra. Escrita literária. Literatura moçambicana. Trauma. Mia Couto.

Contato: raulppn rp@gmail.com

Imagens de mulher: tradição e modernidade em *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*

Giselly de Sousa Sampaio (Graduanda)

RESUMO: A história do livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, acontece entre dois espaços. O primeiro é a ilha, que era um lugar onde tinha enraizado o tradicionalismo, e a cidade era a modernidade, logo, um lugar onde as coisas não precisariam seguir tradições. A obra apresenta dois mundos “diferentes” e de toda forma, havia uma influência direta nos acontecimentos, pois estão assim ligados por pessoas que transitam de um para o outro com frequência e intensidade. São dois mundos ainda marcados pelo patriarcalismo enraizado, em que as mulheres ainda são submissas aos desejos dos homens e da sociedade. E isso acontece de forma natural, uma vez que as pessoas normalizam esses tratamentos, e passam todos sem contestação. Dessa forma, Mía Couto apresenta nessa obra algumas características de sua escrita, que é o resgate da tradição moçambicana em contraste com a modernidade, colocando em cena conflitos e valores patriarcais. É a partir dessa perspectiva que buscamos observar as imagens de mulher presentes na narrativa.

Palavras-chave: Mulher. Modernidade. Tradicionalismo. Patriarcalismo.

Contato: giselly.sampaio@discente.ufma.br

As Tomadas Histórica e Literária de Chaimite

Tânia Resende Garcia (Mestranda)

RESUMO: Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque foi um tenente-coronel português que liderou o ataque ao último imperador africano da região sul de Moçambique: o Ngungunyane. Esse feito lhe trouxe muita glória e prestígio em Portugal, no final do século XIX,

sendo nomeado Governador-Geral de Moçambique em 1896. Em 1899, Mouzinho de Albuquerque escreve o livro *Moçambique 1896-1898*. Nesse livro, relata sua administração como Governador-Geral, contando o que viu, expondo o que pensava, justificando o que fez, sem almejar ser um escritor, apenas desejando ser claro, conciso e verdadeiro, como ele mesmo diz no livro. Entre seus relatos, de forma muito breve, encontra-se a captura de Ngungunyana. Já como um personagem literário, Mouzinho de Albuquerque ganha voz no livro *Sombras da Água*, do escritor moçambicano Mia Couto, que narra, dentre várias outras histórias, a prisão do Rei de Gaza. O objetivo deste trabalho é comparar as narrativas desse evento que se tornou um marco histórico tanto em Moçambique quanto em Portugal. Nas palavras de Mouzinho de Albuquerque o prestígio que ganha na África Oriental talvez tenha sido um simples favoritismo da sorte, mas, na narrativa de Couto, diferentes são as impressões a respeito deste tenente-coronel, ora visto como um salvador da pátria; ora visto como mais um português soberbo em solo africano.

Palavras-chave: Mouzinho de Albuquerque. Ngungunyane. Moçambique. Portugal.

Contato: tania.garcial@estudante.ufla.br

20/10/22 – 16h às 18h

Relações entre literatura, memória e H/história(s) na prosa de Abdulai Sila

Letícia Valandro

RESUMO: O presente trabalho trata das relações entre literatura, memória e H/história(s) em *Memórias SOMânticas*, romance publicado por Abdulai Sila em 2016, além de abordar a trilogia *Mistida*. A concepção de memória aqui entendida ultrapassa aquela individual e alcança sua dimensão coletiva – na definição de Maurice Halbwachs - e cultural. O passado rememorado e propagado em forma de narrativas, dentro da

perspectiva de memória cultural de Jan e Aleida Assmann, faz-se apto a provocar um forte sentimento de pertença. Em *Memórias SOMânticas*, à rememoração pessoal feita pela narradora do período da luta pela libertação da Guiné-Bissau, entrecruzam-se fatos e personagens coletivos e históricos. Nesse sentido, dá-se centralidade às relações entre memória e H/história(s), com a convicção de que “a necessidade de memória é uma necessidade de história” (NORA, 2016, p. 58). Assim, a rememoração literária do passado não se mostra unicamente como interesse coletivo ou antecedente estético, mas parece intencionar a restaurar e reconfigurar o vivido como um “‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente” (BHABHA, 2010, p. 27), sem nostalgia, mas como necessidade de viver. Outrossim, esse regresso aparece como autorreflexivo e dialógico, em que o frequente uso da ironia e da paródia realça a autoconsciência teórica acerca da(s) H/história(s) e da ficção como construções humanas inseridas em específicas epistemologias.

Palavras-chave: Literatura guineense. Memória. História. Abdulai Sila.

Contato: letivalandro@hotmail.com

A escrita da solidão, da memória e da resistência em Guita Jr

Gabriel Dottling Dias (Mestre)

RESUMO: Em seu novo livro que reúne as obras *Da pele do Rosto*, *A Coisa do Tempo*, o poeta Guita Jr retorna diversas temáticas em seus poemas, tais como o amor, a memória, o testemunho da guerra, entre outros. A proposta desta comunicação é analisar alguns poemas de um conjunto de seis, intitulado Solidão. Em tais poemas, observaremos uma escrita de si e uma escrita do outro, em que o sujeito poético refletirá sobre as diversas condições de solidão que atravessam os diversos outros sujeitos em suas situações sociais e históricas. Da solidão da página em branco, à solidão

subjetiva, à solidão frente às guerras e ao exílio, são alguns dos fluxos da escrita que constroem a imagem poética do texto.

Palavras-chave: Guita Jr. Escrita da solidão. Memória. Resistência.

Contato: gdotting@gmail.com

Outros modos de dizer o passado: a memória afetiva individual na poesia de Odete Semedo

Michael de Assis Lourdes Weirich (Doutorando)

RESUMO: Podem os afetos contribuir para uma revisão crítica do passado? Considerando os estudos contemporâneos sobre a memória, atentar para os afetos é também uma forma de promover discussões e questionamentos que envolvem o passado histórico, bem como oportuniza a sua compreensão e revisão tendo como base algumas “estratégias do sensível”. A presente comunicação tem como objetivo abordar, a partir das obras “Entre o ser e o amar” (1996) e “No fundo do canto” (2007), de Odete Semedo, como o traço individual afetivo da memória contribui para uma revisão crítica do passado histórico guineense. Teoricamente, sabe-se que a memória é uma ferramenta pela qual é possível introduzir atualizações a eventos já decorridos. Nesse sentido, pretende-se analisar a forma como memória e afeto podem formular novos testemunhos, contribuindo para a formação de outros modos de dizer o passado. Por meio de uma textualidade que problematiza questões sócio-histórico-culturais da Guiné-Bissau, a poesia de Odete Semedo suscita um lirismo carregado de tragicidade, acompanhado por memórias que dialogam com a história do país, mas que também oportunizam a valorização de determinadas subjetividades. Assim, Semedo possibilita, por meio da sua poesia, retomar lembranças íntimas que acabam imprimindo críticas ao discurso histórico oficial.

Palavras-chave: Odete Semedo. Poesia guineense. Memória afetiva. Testemunho.

Narrativas orais na literatura de Guiné-Bissau através do conto *Os Dois Amigos*, de Odete Semedo

Raíssa Kayonnara Albuquerque de Souza (Graduanda)

RESUMO: A oralidade tem o dom de ampliar e fortalecer o elo entre o compartilhamento de conhecimentos, de experiências de mundo, pensamentos, e imaginações como inserção natural na construção de diferentes práticas sociais. Essa genuína conexão evidencia a comunicação como uma profunda marca de transmissão cultural. Para os africanos e em especial para a população da Guiné-Bissau, a oralidade representa a preservação da memória, dos valores morais e da propagação de saberes dos mais velhos para os mais jovens. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o conto “Os dois amigos”, da autora Bissau-Guineense Odete Semedo, a partir de seu livro *Sonéa – Histórias e passadas que ouvi contar I* (2000), buscando compreender a importância da tradição oral presente na narrativa, além de mostrar a história da Guiné-Bissau em seu contexto político e literário, e a partir disso, ampliar os nossos conhecimentos acerca do país. Para tanto, recorreremos aos aportes teóricos de Carvalho (2017), Couto (2009), Embaló (2004), Injai (2019), Serra e Deus (2019), Souza (2017), dentre outros autores. A metodologia foi de caráter qualitativo, com pesquisas de cunho bibliográfico e documental as quais foram indispensáveis para entender o valor que o poder de contar histórias representa para os cidadãos guineenses. Portanto, a partir da leitura e do estudo do gênero literário conto desenvolvemos um trabalho produtivo, uma vez que promoveu reflexões enriquecedoras para os nossos conhecimentos, além de colaborar positivamente com a abrangência de pesquisas dessa natureza.

Palavras-chave: Oralidade. Tradição. Literatura guineense. Odete Semedo.

Contato: raissa.souza@aluno.uepb.edu.br

21/10/22 – 16h às 18h

O legado de Mayombe em movimento pendular entre o ético e estético

Helder da Rocha Castro (Mestrando)

RESUMO: A comunicação discutirá as marcas testemunhais presentes no romance “Mayombe”, do autor angolano Pepetela. A problematização da questão se dá em função de um movimento pendular entre o ético e estético, em que a experiência colonial e o olhar (de dentro) de quem experienciou se inserem em uma forma trabalhada com extrema engenhosidade. Busca-se, por meio de exemplos retirados da obra e material crítico-teórico consistentes, aproximá-la do gênero “testimonio” e constatar o quão potente é a mensagem de resistência e humanidade nela presentes. Como também constatar que a estetização de um evento histórico não significou a desvalorização de uma obra de arte literária (por seu forte teor documental) tampouco atenuou a importância do relato histórico.

Palavras-chave: Pepetela. Ético e estético. Experiência colonial.

Contato: helder.prof2008@hotmail.com

Comensalidade e diálogos de poder em *Predadores*, de Pepetela

Marcia Regina Schwertner (Doutoranda)

RESUMO: Na obra de Pepetela, pessoal e coletivo são universos interligados, de construção conjunta e recíproca. Em *Predadores*, publicado em 2013, esse aspecto cresce em relevância quando da análise das relações de poder que compõem o texto. A análise aqui efetuada aborda essa questão a partir dos cenários de comensalidade, formais ou familiares, elaborados por Pepetela. Por meio da junção entre força dramática de conteúdo e

jogos estratégicos de escrita, o alimento surge como ferramenta capaz de decifrar diferentes hierarquias, configuradas como microestruturas pilares de macroestruturas de poder. Na busca por um embasamento teórico que abarcasse a interdisciplinaridade necessária à melhor compreensão da obra, optou-se por autores de diferentes áreas, entre os quais se destacam Câmara Cascudo e Montanari, pela aproximação que efetuam entre alimentação e cultura; Birmingham e Giard, por suas pesquisas históricas sobre o tema, e, no referente a aspectos de estrutura e estética textual mais específicos da literatura angolana, Chaves, Carvalho Filho e Ervedosa. Nesse contexto, a leitura efetuada de *Predadores* permitiu vislumbrar um autor capaz de variadas abordagens, com uma poeticidade que, impregnada de teor militante, ultrapassa esse teor sem abandoná-lo, denotando uma profunda compreensão das distintas nuances da sociedade e da ficção angolana contemporâneas.

Palavras-chave: Comensalidade. Cultura. Literatura angolana. Pepetela.

Contato: marcia454rs@gmail.com

Teoria geral do esquecimento, de José Eduardo Agualusa: um diálogo entre ficção e História

Christiane Gonçalves dos Reis (Mestre)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Teoria geral do esquecimento* a partir da interseção de fronteiras entre história e ficção, já que a trama se desenvolve em Angola, durante duas longas guerras e outros conflitos importantes para esse país. Por tal motivo, refletirá acerca das diferenças existentes entre o que narra a ficção, os livros de historiografia e os de não-ficção, pois há eventos históricos de grande relevância para as trajetórias das personagens, por nelas interferirem positiva ou negativamente e aos quais o autor faz menção e/ou ficcionaliza. Por tudo isso, podemos dizer que Agualusa revisita o passado e flerta com

o real enquanto cria sua obra, e esse processo de reescrever a história da nação por meio da ficção aponta naturalmente para um papel de afirmação cultural que a literatura foi chamada a desempenhar. É necessário ressaltar que boa parte da história angolana se encontra numa espécie de caixa-preta ainda não aberta e, por tal razão, uma das alternativas encontradas a fim de problematizar a história foi a via do romance, em que vamos nos deparar com os caminhos da memória e perceber que mecanismos são acionados com o objetivo de resgatar o ora enfumaçado trajeto de alguns países africanos. Referências: Rita Chaves, Maria Teresa Salgado, Linda Hutcheon e Maurice Halbwachs.

Palavras-chave: História. Literatura. Memória.

Contato: chrisgreis@gmail.com

Múltiplas temporalidades no romance *A Gloriosa Família*, de Pepetela

Erick Caixeta Carvalho Scheffer (Mestrando)

RESUMO: O romance *A Gloriosa Família*: o tempo dos flamengos (1997), de Pepetela, tem em seu subtítulo uma referência direta ao tempo em que a narrativa se passa, ou seja, o período entre 1641 e 1648, quando os flamengos conquistaram Luanda e expulsaram os portugueses para o interior de Angola. No entanto, esta obra é permeada pelo que chamamos de “camadas temporais múltiplas”, o que significa dizer que ela não se restringe a tratar de assuntos relativos ao século XVII, mas estabelece diálogos com obras de diversas épocas e com memórias coletivas formadas ao longo do período que vai da década de 1640, quando se passa a narrativa, até a década de 1990, quando Pepetela escreve o romance. Em nossa comunicação, daremos destaque para as seguintes temporalidades que permeiam o romance: a primeira é “o tempo dos flamengos”; a segunda é “o tempo de Cadornega”, autor que publica uma importante história das guerras angolanas no início da década de 1680; a terceira é “o tempo do historicismo”, entre meados do século XIX e início do século XX; a quarta temporalidade é o “tempo de Salazar”; a quinta temporalidade, por fim, é “o

tempo pós-colonial”, que coincide com o período em que Pepetela escreve o romance. Essa escolha por enxergar em *A Gloriosa Família* diálogos com o que foi produzido ao longo de tempos tão distintos nos permitirá explorar aspectos importantes das relações entre história, memória e literatura na obra de Pepetela.

Palavras-chave: Pepetela. A gloriosa família. Angola. Temporalidades. Literatura.

Contato: erick.carvalho@alumni.usp.br

A dor sempre encontra uma forma de se fazer escutar: a dupla noção de testemunha em Essa dama bate bué!, de Yara Monteiro

Karol de Sousa Bernardes (Mestranda)

RESUMO: A noção de testemunha é explorada por Jeanne Marie Gagnebin (2006), sendo não somente aquela que vivenciou o acontecimento traumático, mas também quem escuta a narração insuportável do outro. A partir disso, consideramos a obra *Essa dama bate bué!*, de Yara Monteiro, em que somos guiados pelo percurso de Vitória ao retornar para Angola em busca da mãe e de respostas sobre o seu passado. Ao fazer isso, ela se depara também com memórias e testemunhos de outras pessoas sobre as guerras em Angola, que evocam experiências violentas e dolorosas. Assim, propomos, neste trabalho, analisar essa dupla noção de testemunha a partir da personagem Vitória, sendo tanto aquela que vivenciou experiências traumáticas e se sente fragmentada pelas lacunas do seu passado, sobretudo pela perda de contato com a mãe, quanto a que escuta a narração difícil do outro. A obra de Yara Monteiro também nos apresenta diferentes perspectivas sobre as experiências das mulheres nas guerras em Angola, bem como os impactos desses conflitos na geração posterior a esses períodos. À vista disso, para as nossas análises, iremos partir de autores como Jeanne Marie Gagnebin, Márcio Seligmann-Silva, Michael Pollak, entre outros.

Palavras-chave: Testemunha. Memória. Narração.

Contato: karolbernardes1999@gmail.com

SIMPÓSIO 9 – IDENTIDADES E DIVERSIDADES

Coordenador: Prof. Dr. Natalino da Silva de Oliveira (IFSEMG)

19/10/22 – 16h às 18h

Seguindo o caminho dos conceitos de confluência e pluripotência, tratados por Antônio Bispo dos Santos, na obra *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015); as análises aqui desenvolvidas visam extrapolar e corroer as fronteiras geográficas e epistemológicas para a construção de um debate inovador entre as diferentes literaturas africanas de língua portuguesa, seus contextos, diversidades e identidades. As análises propostas para este simpósio também poderão ser desenvolvidas a partir dos elementos que “trans-passam” essas expressões literárias, tais como as questões relacionadas ao gênero, à sustentabilidade e ao meio ambiente, à raça, à cultura. Pensando no tema do Seminário, *Crises, nós, fronteiras*, busca-se reconstruir sentidos: a fronteira enquanto nó ou enquanto divisão, as fronteiras em nós mesmo, as crises dos nós: fronteiras. Afinal, qual o papel das literaturas na diluição das fronteiras e na construção de um novo sentido para constituição dos seres, para a geração de novas subjetividades?

Crises, nós e fronteiras no neanimismo de Ruy Duarte de Carvalho

José Antonio Gonçalves (Mestrando)

RESUMO: A partir do romance *A terceira metade* (2009), último livro publicado em vida pelo angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010), pretende-se explorar a inventariação das crises existenciais estabelecidas pelos regimes de exceção em África, dos nós gerados pela História dos ocidentais no continente africano, e de fronteiras estabelecidas por essas mesmas crises e nós. Ou seriam clivagens e povos a sós a partir da ficção consensual promulgada na conferência de Berlim? Crises, nós e fronteiras, uma tríade de palavras zelosas ao projeto intelectual de Ruy Duarte de

Carvalho junto aos pastores kuvale, no deserto do Namibe, e em especial ao seu programa neoanimista, que visa a uma relação de continuidade entre os seres, e não de animalização das alteridades. Uma trilogia que pode ser lida como vetora de compreensão e questionamento da modernidade em Angola e, por conseguinte, no mundo que a expansão ocidental desenhou. A epistemologia ocidental está “arquivando” a natureza do africano, no amplo alcance das expressões. À intelectualidade africana cumpre acessar esse “arquivo” para buscar a ressignificação de suas construções identitárias face ao diverso. Contrário a uma hierarquia de culturas estabelecida pela ocidentalização planetária, Ruy Duarte de Carvalho propõe ao humanismo ocidental, de onde todos partimos enquanto modernidade discursiva e civilizacional, uma “contra-descoberta” e anuncia que é “Tempo de ouvir o outro”. Afinal de contas, quantas contribuições oriundas da metade africana da existência em África, solapada pela contiguidade europeia, foram consideradas ciência e assim reconhecidas pela humanidade?

Palavras-chave: Crises, nós e fronteiras. Neoanimismo. Ruy Duarte de Carvalho.

Contato: joseantonio@letras.ufrj.br

Identidade multifacetada em *O Desejo de Kianda*, de Pepetela

Valci Vieira dos Santos (Professor Universitário)

RESUMO: As questões de identidade e seu universo multifacetado, especialmente na modernidade, têm recebido especial atenção de estudiosos que sobre ela se debruçam, na tentativa de compreender sua fluidez. A literatura, que sempre esteve atenta às mudanças, nas mais diversas instâncias sociais, não perde a oportunidade de lançar suas reflexões sobre esse universo cuja natureza é marcada pelas diferenças. Não menos atentos, acham-se literatos e teóricos, com suas produções escritas, representativas de grandes contributos para os estudos de identidade e diversidade. Pepetela, escritor angolano, sem dúvida, é um desses literatos artesãos da palavra, cujo projeto literário transita pelas questões da identidade, diferença

e pertencimento. Neste sentido, com a leitura de sua obra *O Desejo de Kianda*, pretendemos refletir sobre esse universo temático, sem perder de vista uma peculiar linguagem ao mesmo tempo irônica e crítica com que constrói os fios que enformam a narrativa. Para tanto, os estudos de Hall (2003, 2006) sobre identidades, multiculturalismo e diáspora, além dos de Bhabha (2010), especialmente no que diz respeito à questão identitária, aos discursos do Colonialismo e dos pós-Colonialismo servirão de fulcro para as nossas considerações.

Palavras-chave: Identidade. Literatura. Pepetela.

Contato: valci@ffassis.edu.br

O Vendedor de Passados e a busca da identidade por José Buchmann

Fly Wanner Costa Baima (Graduando)

RESUMO: O seguinte trabalho consiste na análise do romance *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa, com enfoque na busca de José Buchmann pela constituição de uma identidade. A priori, o livro narra a vida de Félix Ventura, um homem angolano e albino. O protagonista trabalha criando falsos passados para os clientes da burguesia angolana que queriam fugir das suas raízes e apagar as “manchas”, supostamente, poderiam sujar sua reputação em meio a alta sociedade, criando, assim, uma identidade falsa. Certo dia, um estrangeiro procura pelos serviços de Félix, a partir desse momento conhecemos esse indivíduo pelo nome falso de José Buchmann, que será o motor de toda a complicação da obra. Os acontecimentos são narrados por uma osga (lagartixa) que já foi humana, e até então habita a casa do personagem principal, tudo isso em um contexto sociocultural conturbado.

Palavras-chave: Identidade. Agualusa. José Buchmann.

Contato: fly.baima@discente.ufma.br

Construções identitárias e vozes femininas no romance *Antes de Nascer o Mundo*

Lorena Luana Dias da Silva (Mestranda)

RESUMO: O presente trabalho propõe refletir acerca da obra *Antes de Nascer o Mundo* (2009), escrita pelo autor moçambicano Mia Couto, focalizando nas representações do espaço na narrativa, analisando o deslocamento da cidade para o campo como um refúgio do homem africano que necessita estar em contato com a terra para afirmar a sua origem, para curar-se e manter-se vivo através das suas estórias inventadas. A construção da identidade no romance perpassa pela memória e o esquecimento. As relações tecidas ao longo da narrativa são centradas também no apagamento da mulher moçambicana de forma violenta e traumática. Dentro disso, o mundo criado pelo personagem Silvestre Vitalício não possui espaço para o feminino. Porém, a escrita cuidadosa e poética de Mia Couto insere as vozes da poesia escrita por mulheres de distintas nacionalidades, o que torna o romance um encontro de dizeres múltiplos e permite pensar o caminho percorrido para tornar-se pertencente a um lugar, ser quem se é, mirando de dentro do seu próprio país.

Palavras-chave: Identidade. Vozes Femininas. Representações do espaço. Mia Couto.

Contato: lorenadays93@gmail.com

Identidade e subjetividade em *As visitas do Dr. Valdez*

Natalino da Silva de Oliveira (Doutor)

RESUMO: A ideia de humanidade vem sempre acompanhada de estruturas limitantes e excludentes. Humanizar, sob uma perspectiva eurocentrada, é uma forma de tutelar a existência alheia. Deste modo, o que se almeja com este trabalho é refletir sobre a construção de novas

subjetividades possíveis que estejam além da proposta humanista. Partindo nessa direção, será feita a análise da personagem Vicente do livro *As visitas do Dr. Valdez*, do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho. Vicente é um grande simulador no início da construção de sua identidade. O Dr. Valdez serve como espelho para a formação e fortalecimento da identidade de Vicente. Contudo, conforme os valores identitários da protagonista vão sendo conquistados, paulatinamente ela vai abandonando as máscaras que foram utilizadas no passado. Para esse estudo serão cruciais os trabalhos de Octavio Paz (2000), Foucault (1984), Munanga (2009) e Fanon (2008).

Palavras-chave: Construções identitárias. Subjetividades.

Contato: natalinolettras@gmail.com



SILAS

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Realização:



Apoio:

